

UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA  
INSTITUTO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

Fernanda Cordeiro de Araújo

**Cultura, Território e Autonomia:  
A Urbanização Periférica e a Potência Comunitária no Jardim Pedramar-  
Jacareí - SP**

**Culture, Territory and Autonomy: Peripheral Urbanization and Community  
Power in Jardim Pedramar-Jacareí - SP**

São José dos Campos  
2025

Fernanda Cordeiro de Araújo

**Cultura, Território e Autonomia:  
A Urbanização Periférica e a Potência Comunitária no Jardim Pedramar-  
Jacareí - SP**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade do Vale do Paraíba, como complementação dos créditos necessários para obtenção do grau de mestre em Planejamento Urbano e Regional.

Linha de pesquisa: Planejamento, Espaço e Cultura

Orientadora: Fabiana Felix do Amaral e Silva  
Co-orientadora: Elizabete M. Kobayashi

São José dos Campos  
2025

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE DIVULGAÇÃO DA OBRA

### Ficha catalográfica

Araújo, Fernanda Cordeiro de  
Cultura, Território e Autonomia : a Urbanização Periférica e  
a Potência Comunitária no Jardim Pedramar- Jacarei - SP /  
Fernanda Cordeiro de Araújo; orientadora, Fabiana Felix do Amaral  
e Silva; co-orientadora Elizabete M. Kobayashi. - São José dos  
Campos, SP, 2025.  
1 CD-ROM, 105 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade do Vale do  
Paraíba, São José dos Campos. Programa de Pós-Graduação em  
Planejamento Urbano e Regional.

Inclui referências


1. Planejamento Urbano e Regional. 2. Desigualdade  
socioterritorial. 3. Cultura. 4. Produção do espaço. 5.  
Territorialidade. I. Silva, Fabiana Felix do Amaral e, orient.  
II. Kobayashi, Elizabete M., co-orient. III. Universidade do Vale  
do Paraíba. Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e  
Regional. IV. Título.

Eu, Fernanda Cordeiro de Araújo, autor(a) da obra acima referenciada:

Autorizo a divulgação total ou parcial da obra impressa, digital ou fixada em  
outro tipo de mídia, bem como, a sua reprodução total ou parcial, devendo o  
usuário da reprodução atribuir os créditos ao autor da obra, citando a fonte.

Declaro, para todos os fins e efeitos de direito, que o Trabalho foi elaborado  
respeitando os princípios da moral e da ética e não violou qualquer direito de  
propriedade intelectual sob pena de responder civil, criminal, ética e  
profissionalmente por meus atos.

São José dos Campos, 10 de Junho de 2025.

  
\_\_\_\_\_  
Autor(a) da Obra

---

**FERNANDA CORDEIRO DE ARAÚJO**

**“CULTURA, TERRITÓRIO E AUTONOMIA: A URBANIZAÇÃO PERIFÉRICA E A  
POTÊNCIA COMUNITÁRIA NO JARDIM PEDRAMAR - JACAREÍ - SP.”**

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre, do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, do Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, SP, pela seguinte banca examinadora:

|   |   |
|---|---|
| Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Fabiana Felix do Amaral e Silva     | <i>Fabiana Félix da Amaral e Silva</i>                        |
| Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Elizabete Mayumy Kobayashi          | <i>Elizabete Mayumy Kobayashi</i>                             |
| Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Lidiane Maria Maciel                | <i>Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lidiane Maria Maciel</i> |
| Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Zuleika Stefânia Sabino Roque - ITA | <i>Zuleika S Sabino Roque</i>                                 |

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Juliana Ferreira Strixino

Diretora do IP&D – Univap

São José dos Campos, 27 de fevereiro de 2025.

## DEDICATÓRIA

À minha família, à minha mãe, ao meu companheiro de vida, amigas e amigos que me apoiaram e encorajaram para finalizar esta etapa com êxito. E também aos entrevistados que doaram seu tempo para relembrarmos uma parte da história do Jardim Pedramar.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradecer a minha mãe, Edvirgens Cordeiro, que sempre me deu apoio para buscar o conhecimento, mesmo com todas as dificuldades de uma mãe solo. Ao meu companheiro de vida, Thiago Pedra, que me incentiva e segura minha mão frente aos desafios diários de forma afetiva e cuidadosa. Aos meus sogros: Mônica, pelo apoio nas atividades, e José Bedeu (in memoriam), um grande incentivador do Cultura no Morro.

A todos meus familiares que vibram com esta conquista, sendo uma das poucas a acessar o universo da pesquisa acadêmica, servindo de inspiração para os meus.

Deixo meu agradecimento às pessoas entrevistadas, que fazem parte da construção e tensionamentos frente às conquistas, mesmo que mínimas, no território do Jardim Pedramar. Este trabalho é fruto de esforço coletivo e sem elas não seria possível tal realização. Devido às questões éticas, os nomes foram preservados nesta pesquisa. Às minhas orientadoras, Fabiana Felix do Amaral e Silva e Elizabete M. Kobayashi, expresso minha gratidão pela paciência e orientação ao longo deste percurso acadêmico; tais contribuições foram fundamentais para o desenvolvimento desta dissertação.

À Universidade do Vale do Paraíba e todo corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, pelos conhecimentos compartilhados.

Ao Núcleo de Extensão Pesquisa-Ação Cartografias Sociais (Nepacs).

A todos que, de alguma forma, auxiliaram-me para a realização desta pesquisa, que sem dúvidas marca a trajetória de uma pesquisadora que também faz parte do território pesquisado.

Expresso minha admiração e agradecimento pela troca de ideias e todo apoio recebido pelos colegas de sala, turma 2023. Concluímos com êxito esse desafio em meio a todos os afazeres diários de uma classe trabalhadora que também se dedicou ao mestrado.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), à qual agradeço o suporte que viabilizou a realização deste trabalho.

“Por isso que os nossos velhos dizem: você não pode se esquecer de onde você é e nem de onde você veio, porque assim você sabe quem você é e para onde você vai. Isso não é importante só para a pessoa do indivíduo, é importante para o coletivo, é importante para uma comunidade humana saber quem ela é, saber para onde ela está indo”. (Ailton Krenak)

## APRESENTAÇÃO

Sou Fernanda Cordeiro de Araújo, de descendência pernambucana e filha de mãe solo. Sou fundadora do Cultura no Morro, inaugurado em 2013, em que atuo realizando trabalhos como produtora cultural, educadora social e atualmente presidente da associação. Minha formação acadêmica é em Serviço Social, a qual exerço a função enquanto trabalhadora do SUAS. A escolha pelo curso de Serviço Social foi motivada por vivenciar as mazelas neste território desde 2003 e em 2009 ocorreu o início dos trabalhos sociais e culturais. No ano de 2017, iniciei meus estudos na Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP).

Com o desejo de aprofundar o entendimento sobre o território do Pedramar e investigar os impactos da ausência de políticas públicas na população local, busco, ao mesmo tempo, evidenciar a força das articulações comunitárias e das organizações populares como alternativas socioespaciais para preencher as lacunas deixadas pelo Estado. Em 2023, iniciei meus estudos no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Univap, uma oportunidade de aprofundar as discussões escolhidas para a pesquisa. Minha própria vivência no território, onde resido desde 2021, também se torna parte da pesquisa, permitindo-me observar e experimentar diretamente as dinâmicas sociais que influenciam os sujeitos pesquisados, o que fortalece ainda mais meu desejo de compreendê-las.

Ao explorar o processo histórico de ocupação do território do Jardim Pedramar, a pesquisa pretende contribuir para uma compreensão mais profunda da realidade local, fortalecendo o senso de identidade e pertencimento entre os moradores. A escolha desse território, além de estar ligada à afetividade e ao cuidado com o local, representa um compromisso social e um pensamento coletivo. Pretende-se, assim, compreender a importância dessas articulações e destacar suas potências, oferecendo uma devolutiva social que fortaleça a mobilização da população em busca de melhorias.

## RESUMO

A dissertação analisa o protagonismo das lideranças do bairro Jardim Pedramar em Jacareí-SP, como territorialidade periférica capaz de tensionar e apontar alternativas à produção social do espaço da cidade. A metodologia utilizada apoiou-se na base metodológica de natureza qualitativa. Como Instrumento de Coleta de Dados, foi realizada a Entrevista Semiestruturada, que permitiu capturar pontos de vistas e experiências das lideranças que realizam ações no território. Com intuito de revelar o processo de concepção do bairro, foram entrevistados alguns residentes que estão desde os sorteios dos lotes. A pesquisa busca compreender como as ações e proposições tensionam a ordem imposta e proporcionam outra lógica. As iniciativas escolhidas para a análise foram ações que ocupam as lacunas do território, independente de incentivos. Revela-se que essas ações oferecem alternativas frente às lacunas existentes pelo Estado, bem como reivindicam os direitos básicos e fortalece para o senso de pertencimento, formando novas territorialidades. A partir dessas ações, observa-se a constituição de novas territorialidades periféricas que desafiam a lógica de segregação e criam redes de solidariedade e mobilização social.

**Palavras-chave:** desigualdade sócioterritorial; cultura; produção do espaço; territorialidade.

## ABSTRACT

This dissertation analyzes the protagonism of the leaders of the Jardim Pedramar neighborhood in Jacareí-SP, as a peripheral territoriality capable of putting pressure on and pointing out alternatives to the social production of the city's space. The methodology used was based on a qualitative methodological basis. The data collection instrument was a semi-structured interview, which allowed us to capture the points of view and experiences of the leaders who carry out actions in the territory. In order to reveal the process of designing the neighborhood, some residents who have been there since the lot draws were interviewed. The research seeks to understand how actions and proposals put pressure on the imposed order and provide a different logic. The initiatives chosen for analysis were actions that fill the gaps in the territory, regardless of incentives. It is revealed that these actions offer alternatives to the gaps existing by the State, as well as claiming basic rights and strengthening the sense of belonging, forming new territorialities. From these actions, we can observe the creation of new peripheral territories that challenge the logic of segregation and create networks of solidarity and social mobilization.

**Keywords:** socioterritorial inequality; culture; production of space; territoriality.

## LISTA DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| <b>Figura 1</b> - Mapa da cidade de Jacareí, região Oeste                        | 17 |
| <b>Figura 2</b> - Jacareí fim do Século XIX – Afastamento Rio Paraíba do Sul     | 24 |
| <b>Figura 3</b> - Mapa vulnerabilidade social                                    | 29 |
| <b>Figura 4</b> - Mapa Distanciamento Equipamentos Culturais                     | 31 |
| <b>Figura 5</b> - Gráfico Migrantes Jd. Pedramar                                 | 36 |
| <b>Figura 6</b> - Reportagem Folha de Jacareí                                    | 39 |
| <b>Figura 7</b> - Documento da aprovação do Loteamento do Tanquinho              | 39 |
| <b>Figura 8</b> - Bilhete do sorteio   | 40 |
| <b>Figura 9</b> - Panfleto divulgação venda dos lotes Jardim Pedramar            | 41 |
| <b>Figura 10</b> - Carnê de financiamento dos terrenos no bairro Jardim Pedramar | 42 |
| <b>Figura 11</b> - Carne Implantação da rede de água, frente e verso             | 43 |
| <b>Figura 12</b> - Distância percorrida para acesso ao transporte público        | 45 |
| <b>Figura 13</b> - Linha do tempo processos culturais                            | 48 |
| <b>Figura 14</b> - Foto jornal reportagem da banda Código 13                     | 50 |
| <b>Figura 15</b> - Apresentações da banda Código 13                              | 51 |
| <b>Figura 16</b> - 1º Natal Solidário  | 52 |
| <b>Figura 17</b> - Praça Guarani em 2011 e 2024                                  | 53 |
| <b>Figura 18</b> - Lanchonete Revolucion L.A                                     | 54 |
| <b>Figura 19</b> - Evolução do logotipo do Cultura no Morro                      | 57 |
| <b>Figura 20</b> - Projeto Pedramar Arte e Geração de Renda                      | 59 |
| <b>Figura 21</b> - Tradicional Quadrilha Festa Junina                            | 60 |
| <b>Figura 22</b> - Projeto “Moçambique Nas Escolas Cultura Para Todos”           | 61 |
| <b>Figura 23</b> - Premiação do time campeão                                     | 62 |
| <b>Figura 24</b> - Reunião com os times no Cultura no Morro                      | 63 |
| <b>Figura 25</b> - Kombi suporte no campeonato                                   | 63 |
| <b>Figura 26</b> - Campeonato Uni Quebradas                                      | 64 |
| <b>Figura 27</b> - Oficinas de artesanato e Capoeira                             | 65 |
| <b>Figura 28</b> - Festival Agromera Arte  | 66 |
| <b>Figura 29</b> - Abertura da biblioteca  | 67 |
| <b>Figura 30</b> - Mapa localização Jardim Pedramar, pontos culturais públicos   | 68 |
| <b>Figura 31</b> - Biblioteca Ler Para Crescer                                   | 69 |
| <b>Figura 32</b> - Projeto Bairro Ambiente Educativo                             | 70 |
| <b>Figura 33</b> - Ensaio fotográfico Cria da Rua                                | 71 |
| <b>Figura 34</b> - Participação da cerimônia de apresentação dos representantes  | 73 |
| <b>Figura 35</b> - Projeto Cultura e Arte: Integrando a Comunidade               | 74 |
| <b>Figura 36</b> - Campanha Pedramar sem Dengue                                  | 74 |
| <b>Figura 37</b> - Gravação Cria da Rua  | 75 |
| <b>Figura 38</b> - Festa de fim de Ano   | 76 |
| <b>Figura 39</b> - Aniversário Pedramar  | 77 |
| <b>Figura 40</b> - Prêmio Periferia Brasil                                       | 78 |
| <b>Figura 41</b> - Oficinas Capoeira e Violão.                                   | 79 |
| <b>Figura 42</b> - Orçamento Participativo                                       | 80 |
| <b>Figura 43</b> – Placa Instalada na rotatória do Jardim Pedramar               | 85 |
| <b>Figura 44</b> - Registro o córrego do Tanquinho                               | 89 |
| <b>Figura 45</b> - Gravação teaser Uniquebradas                                  | 90 |

## LISTA DE SIGLAS

|         |  |
|---------|--|
| ALESP   | Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo      |
| ACONVAP | Associação das Construtoras do Vale do Paraíba     |
| AMJ     | Associação dos Mineradores de Jacareí              |
| AEAJ    | Associação dos Engenheiros e Arquitetos de Jacareí |
| BNH     | Banco Nacional da Habitação                        |
| CNM     | Cultura no Morro                                   |
| FATEC   | Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo     |
| IFSP    | Instituto Federal de São Paulo                     |
| IBGE    | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística    |
| LIC     | Lei de Incentivo à Cultura                         |
| LPC     | Ler Para Crescer                                   |
| PIB     | Produto Interno Bruto                              |
| SAS     | Secretaria de Assistência Social                   |
| SESC    | Serviço Social de Comércio                         |
| SAAE    | Serviço Autônomo de Água e Esgoto                  |
| SEADE   | Sistema Estadual de Análise de Dados               |
| TCLE    | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido         |
| Univap  | Universidade do Vale do Paraíba                    |

## SUMÁRIO

|          |  |            |
|----------|--|------------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>14</b>  |
| 1.1      | O processo de urbanização e a formação das periferias em Jacareí: entre precariedade e inclusão perversa   | 23         |
| 1.2      | História e formação do Jardim Pedramar: urbanização, inclusão perversa e luta por direitos   | 36         |
| <b>2</b> | <b>OCUPAÇÃO CULTURAL E MOBILIZAÇÃO COMUNITÁRIA: CAMINHOS DE POTÊNCIA NO JARDIM PEDRAMAR.....</b>   | <b>48</b>  |
| 2.1      | Cultura no Morro: pólo de formação e promoção de ações socioculturais no processo de consolidação de uma identidade periférica   | 51         |
| <b>3</b> | <b>PEDRAMAR EM MOVIMENTO: CONSTRUINDO TERRITORIALIDADES PERIFÉRICAS.....</b>   | <b>82</b>  |
| 3.1      | Histórico e Ocupação   | 82         |
| 3.2      | Território e territorialidade, produção de outras lógicas no Jardim Pedramar   | 84         |
| 3.3      | Comunicação enquanto ferramenta de potencialização   | 88         |
| 3.4      | Produzindo espaço e criando territorialidades: infrapolítica e resistências no Pedramar  | 93         |
| 3.5      | Desafios na manutenção das ações e a dimensão sociopolítica  | 96         |
| <b>4</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>99</b>  |
|          | <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>101</b> |
|          | <b>ANEXO A - QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTAS PESQUISA INTITULADA: “CULTURA, TERRITÓRIO E AUTONOMIA: A URBANIZAÇÃO PERIFÉRICA E A POTÊNCIA COMUNITÁRIA NO JARDIM PEDRAMAR- JACAREÍ - SP”.....</b> | <b>105</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

As periferias são caracterizadas pela falta de infraestrutura e serviços públicos, estando frequentemente associadas à precariedade, enquanto os centros urbanos concentram a maior parte dos investimentos e oportunidades de trabalho.

Esse cenário gera uma desigualdade sócioterritorial, criando divisões de classe, com os investimentos voltados principalmente para áreas de maior visibilidade e concentração de riqueza. Segundo Santos (2009), a cidade, enquanto relação social e materialidade, torna-se geradora de pobreza, tanto pelo modelo socioeconômico que a sustenta quanto por sua estrutura física.

O território em estudo foi criado na década de 1990, denominado Jardim Pedramar, localizado na região oeste da cidade de Jacareí, interior de São Paulo, que pertence à Região Metropolitana do Vale do Paraíba Paulista. Visando aumentar o número de moradias na cidade e permitir a criação de loteamentos para atender famílias de baixa renda, a Câmara dos Vereadores aprovou artigos alterando a Lei do uso do solo e liberou a divisão da terra em lotes com 125m<sup>2</sup>, os conhecidos meio-lotes.

O estudo realizou um levantamento das ações e proposições no Jardim Pedramar, onde, durante muito tempo, os moradores do bairro, devido à inclusão perversa e ao afastamento em relação à centralidade urbana, não se viam como parte integrante da cidade — algo que se pode observar a partir das falas de alguns residentes, se referindo a ida até o centro por meio da frase “vamos para Jacareí”, que demonstra o sentimento de distanciamento.

É indiscutível que, no século XXI, ainda estejamos reivindicando direitos básicos para uma parcela da população, resultado da ausência de políticas públicas para a maioria das periferias — um problema que deve ser priorizado nas discussões do poder público. Esses territórios enfrentam inúmeros desafios, como o acesso limitado aos serviços públicos, distância de instituições educacionais, falta de infraestrutura adequada, transporte coletivo deficitário, entre outros fatores que impactam diretamente a qualidade de vida dos seus moradores.

A destinação de recursos para regiões específicas da cidade beneficia apenas uma pequena parcela da população, os bairros mais distantes das centralidades não são prioridades. Em contrapartida, a população das periferias sofre com a "inclusão perversa" imposta pelo sistema vigente, permanecendo por anos sem melhorias

significativas em infraestrutura e serviços públicos essenciais, o que agrava ainda mais as desigualdades presentes nesses territórios. Martins (1997, p.11) apresenta o conceito de "inclusão perversa", definindo como:

[...] a inclusão daqueles que estão sendo alcançados pela nova desigualdade social, fruto da produção de grandes transformações econômicas, e para os quais não há, senão, na sociedade, lugares residuais, originando uma inserção precária, instável e marginal dessa população.

Nesse sentido, acrescenta o autor, a partir de nova reflexão sobre o tema: “a sociedade que exclui é a mesma que inclui e integra, criando formas também desumanas de participação, na medida em que delas faz condição de privilégios e não de direitos” (Martins, 2002, p.11).

Atualmente, têm crescido as iniciativas por parte da população residente nesses espaços, que, ao promover ações socioculturais, demonstram uma crescente organização popular dos territórios periféricos. Segundo Chauí (1995), a cultura foi criada enquanto direito essencial a todos os cidadãos, sendo as políticas culturais responsáveis por garantir o acesso e a participação da população de forma igualitária. Nesse sentido ela afirma:

Direito a reconhecer-se como sujeito cultural, graças à ampliação do sentido da cultura, criando para isso espaços informais de encontro para discussões, troca de experiências, apropriação de conhecimentos artísticos e técnicos para assegurar a autonomia dos sujeitos culturais, exposição de trabalhos ligados aos movimentos sociais e populares (Chauí, 1995, p. 82).

As ações e proposições têm desempenhado um papel crucial na vida e na configuração dos bairros periféricos, muitas vezes se apresentando como uma forma poderosa de mobilização e transformação social. Silva e Oliveira (2017, p. 49) fazem importantes ponderações quanto a esta questão ao afirmarem:

[...] o campo cultural é um dos lugares de manifestação dos conflitos e das disputas simbólicas e comunicacionais. Nesse campo, coexistem os processos de dominação e também de apropriação; é o espaço das negociações entre os diferentes atores desta dinâmica.

Essas iniciativas, presentes em territórios excluídos, revelam uma organização social com base nas demandas locais, visando suprir a ausência do poder público por meio de ações voltadas à educação, cultura, desenvolvimento da economia local e

preservação do meio ambiente. No entanto, aspectos funcionais relacionados ao potencial desses lugares, em especial das pessoas, na promoção de transformações significativas e relevantes também tem sido refletido na literatura.

Agir de dentro para fora, considerando suas potencialidades internas, é um aspecto abordado por D'andrea (2013) ao falar no poder de transformação desses ambientes. Assim, ao evidenciar as potencialidades neles existentes e ao agir para evidenciá-las, essas ações pressionam o poder público a formular políticas públicas mais adequadas.

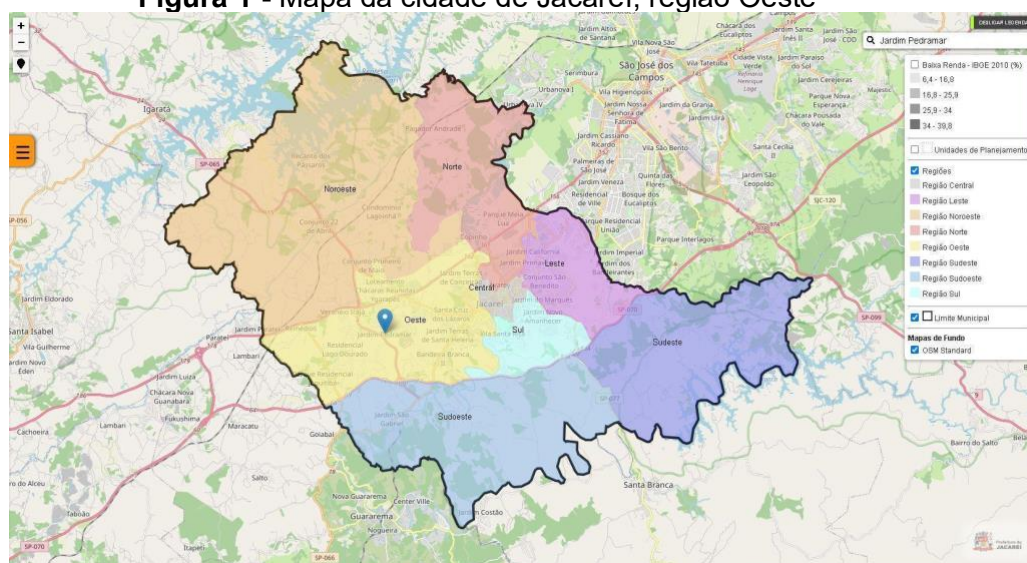
O autor situa o morador da periferia como alguém que se organiza para participar ativamente de experiências coletivas em seu meio social e que se torna político na medida em que toma consciência de seu papel como agente de transformação. Na prática existem alguns desafios para efetividade, são muitas camadas para serem sanadas e são poucas pessoas que dedicam-se ao trabalho no território visando os interesses coletivos. Parte da pesquisa também revelou que alguns residentes mudam-se de região, ou até mesmo de cidade, para minimizar o deslocamento até os locais de estudo ou trabalho.

Nesse sentido, é possível identificar ações que são realizadas justamente por esta perspectiva (de dentro para fora), com os próprios moradores do território assumindo o protagonismo das ações. Ele assim afirma:

A periferia, ao longo dos anos, deixou de ser vista como um local de pobreza, violência e sofrimento e passou a ser entendida “como marcador da presença ativa de populações” não mais frágil, mas sim, com potencialidade e força para lutar pela sua sobrevivência e superar a condição que lhe foi dada (D'andrea, 2013, p. 107).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), a população estimada de Jacareí é de 240.275 pessoas, com um Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* de R\$ 67.874,93 em 2021. Localizado na região oeste de Jacareí, a mais populosa do município, o bairro Jardim Pedramar integra uma área que, segundo dados do IBGE (2010), apresentou um crescimento populacional de 56,65% naquele ano.

**Figura 1 - Mapa da cidade de Jacareí, região Oeste**



Fonte: Jacareí, (2024a).

Com o passar dos anos e diante da ausência de espaços públicos, além das necessidades locais, a partir da organização de um grupo de amigos, levou à criação do coletivo Cultura no Morro, em 2013. O grupo contou com um espaço físico para o desenvolvimento das atividades, ocupando o território com ações, oficinas e assessorias. Atualmente as atividades são voltadas para temas como educação popular, direito à cidade, preservação das culturas tradicionais emergentes e desenvolvimento sustentável. Além disso, passou a acessar leis de fomento e incentivo à cultura, ampliando seu alcance e potencial de atuação.

A ocupação dos territórios periféricos pode ser compreendida como um processo de reconstrução de identidades, no qual as práticas culturais emergem de forma espontânea, sem pretensões individuais, mas como resposta à ausência de espaços adequados.

Nesse contexto, essas ações tornam-se ferramentas para compreender e fomentar a cultura local, propiciando novas articulações e formas de resistência que desafiam a ordem vigente. Harvey (2014, p. 28) afirma que “a liberdade de fazer e refazer a nós mesmos e a nossas cidades é um dos nossos direitos humanos mais preciosos, ainda que um dos mais menosprezados”.

A partir do reconhecimento das identidades e potencialidades — papel que o Cultura no Morro vem desenvolvendo desde 2013 — o cenário atual vem se modificando e, com o reconhecimento dessas potencialidades e a valorização das pessoas, percebe-se um crescente sentimento de pertencimento ao território.

A escolha do Jardim Pedramar como foco deste estudo deve-se ao fato da pesquisadora residir no bairro e vivenciar os desafios enfrentados por seus habitantes. Este processo também reflete parte da trajetória da mesma, primeiro enquanto fundadora do Cultura no Morro e segundo enquanto residente, sendo a pesquisa um olhar de quem é de dentro.

Ao final, pretende-se revelar se o protagonismo dos residentes é capaz de tensionar e apontar alternativas à produção social do espaço na cidade de Jacareí, considerando que, na maioria das vezes, essas iniciativas ocorrem sem financiamento, por meio de políticas públicas, contribuindo para o enriquecimento do debate sobre o planejamento urbano.

Na maioria dos espaços periféricos, de acordo com Teles (2001), o Estado se manifesta por meio da repressão, expressada na violência e na criminalização da pobreza. No entanto, essas resistências revelam também potencialidades ao denunciarem a realidade do território, tornando-se formas de resistência cultural em busca da transformação social, por meio da proposição de ações que envolvem arte, cultura e educação. Essa repressão, porém, não se dá apenas de forma física, mas também simbólica, por meio da estigmatização dos grupos mais vulneráveis.

Nesse sentido, a violência e a criminalização da pobreza podem ser compreendidas como são, fenômenos distintos, mas inter-relacionados. Segundo Wacquant (2001, p. 13): “[...] a criminalização da pobreza é uma forma de violência simbólica, que estigmatiza os indivíduos e grupos mais vulneráveis da sociedade e os torna alvo fácil da repressão estatal”. Sobre a violência simbólica, Bourdieu (1999) destaca que esta forma de violência opera por meio de práticas e discursos que “naturalizam” desigualdades, perpetuando a dominação de certos grupos sobre outros.

Portanto, este trabalho pretende realizar a pesquisa das práticas das ações e proposições do bairro Jardim Pedramar e analisar se tais práticas tencionam, tendo em vista que, antes de 2013, as ações eram realizadas sem investimentos públicos, por meio de doações e da organização popular. Foi somente após o entendimento das leis de incentivo que se iniciaram a escrita de projetos e o acesso a editais.

As ações e proposições comunitárias desempenham um papel fundamental para que as periferias expressem suas subjetividades e identidades, indo além da imagem de locais marcados pela pobreza e escassez. Essas ações representam

formas de resistência e fortalecem a organização comunitária, tal como proposto por Haesbaert:

A territorialidade, além de incorporar uma dimensão estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar (Haesbaert, 2005, p. 03)

Levando em consideração os apontamentos feitos até aqui, está proposto como objetivo geral da pesquisa refletir as práticas do protagonismo de lideranças do bairro Jardim Pedramar como territorialidade periférica capaz de tensionar e apontar alternativas à produção social do espaço da cidade de Jacareí.

O estudo busca responder às seguintes perguntas-chave: Qual é o papel das organizações populares nos territórios periféricos na formulação de alternativas socioculturais? E ainda: De que forma essas ações e proposições comunitárias tensionam os processos de exclusão e marginalização na produção social do espaço urbano de Jacareí?

Os objetivos específicos idealizados para a presente pesquisa, que são:

- Levantar o processo histórico de ocupação do território do Pedramar, com o intuito de revelar os aspectos das desigualdades socioterritoriais na cidade de Jacareí;
- Pesquisar e caracterizar algumas ações como a Associação Cultura no Morro, Biblioteca Comunitária Ler para Crescer, Uni Quebradas, Encontro de futebol, Praça Guarani para compreender o alcance na dinâmica comunitária e no fortalecimento de redes locais;
- Analisar como essas ações e proposições tensionam a produção social do espaço e como modificam a realidade do bairro Jardim Pedramar.

A pesquisa apoia-se na base metodológica, de natureza qualitativa, que por possuir caráter exploratório avança na coleta de dados *In loco*, junto aos agentes envolvidos diretamente no fenômeno.

Flick (2009) traz importantes contribuições para o entendimento da pesquisa qualitativa, a qual é dirigida para analisar casos concretos por meio de suas particularidades locais e temporais, por meio das pessoas em seus devidos contextos. Além disso, neste modelo de pesquisa estão constituídos vários elementos que o compõem, iniciando com o Ambiente de Pesquisa, aqui identificado a cidade de Jacareí, no bairro do Jardim Pedramar, com lideranças que residem neste bairro e

que promovem atividades socioculturais; e também o Instrumento de Coleta de Dados, que na presente pesquisa será a Entrevista Semiestruturada (questionário aprovado pelo Comitê de Ética parecer n. 6.996.761), que é uma técnica que permite capturar pontos de vistas e experiências de diferentes agentes sociais e entender como cada parte de ator de determinado fenômeno interpreta a situação.

Para que fosse coletado número significativo de dados de análise foram realizadas 06 entrevistas e 07 questionários, incluindo os integrantes do Cultura no Morro, sendo utilizados códigos para as entrevistas E1 a E6 e os questionários Q1 a Q7 com intuito de não expor as pessoas entrevistadas.

Buscando um maior aprofundamento a respeito do bairro Jardim Pedramar, foram coletadas informações por meio de aplicação de questionários on-line, com pessoas que residem desde a concepção, com informações relevantes para a história, bem como a entrevista com uma liderança dos movimentos culturais da cidade para levantamento dos dados no que diz respeito a cena cultural na década de 1990.

As entrevistas são fundamentais quando se deseja mapear valores, sistemas, crenças e práticas de um universo delimitado em que as contradições e os conflitos não estejam evidenciados de modo claro (Duarte, 2004, p. 215).

Lima (2019) ressalta que o roteiro é estruturado de modo que ocorra interação e fluidez entre entrevistador e o participante da pesquisa, aproximando-se de uma “conversa”. Além de preencher lacunas deixadas por documentos, a entrevista qualitativa semiestruturada é capaz de compreender estratégias individuais e captar condições subjetivas e reações não verbais, como emoções e hesitações, qualificando ainda mais o dado coletado.

Trivinos (1987) também nos ajuda a compreender o potencial desta ferramenta de coleta de dados, ao afirmar: “A entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa” (p. 146). A proposta de pesquisa aqui apresentada é do tipo participante, com desenvolvimento de trabalho de campo junto a representantes do bairro.

Foram escolhidas para análise, além do Cultura no Morro, quatro ações que desempenham grande impacto socioespacial no bairro, que por vezes funcionam com recursos próprios de forma independente e por meio de incentivos culturais. No entanto, a partir da pesquisa evidencia-se que o Cultura no Morro vem desempenhando um papel de articulador e incentivador para a continuidade das

ações desde 2013, na necessidade de descentralização das culturas, frente às desigualdades socioterritoriais.

Consoante a essa questão, é importante refletir a relevância do aspecto participativo, tal como apontado por Jorge (2018, p. 107):

Eu observei que o Cultura no Morro funciona como sementeira para muitas coisas que acontecem no Jardim Pedramar, e, eu pude não só acompanhar, mas participar, engajada, com meu corpo inteiro experimentando, de muitos desses eventos-experiências.

A Biblioteca Comunitária Ler para Crescer, fundada no ano de 2015, oferece atividades voltadas para as crianças, jovens e adultos do bairro, com um acervo de mais de 3 mil exemplares de diversas temáticas. A praça Guarani, criada e cuidada por um residente, que se apropriou de uma área para transformá-la em uma praça, antes local de descarte indevido de entulhos, sendo ele o único cuidador do espaço. O Uni Quebradas, campeonato de Futebol de quadra amador, ocorreu entre os anos de 2014 a 2018. O treino de futebol de crianças e adolescentes, que ocorreu entre os anos de 2019 a 2024.

Outro aspecto ressaltado nas pesquisas de natureza qualitativa se refere aos Participantes da Pesquisa. Para coleta de dados foram realizadas entrevistas com lideranças, que por meio das iniciativas desempenham grande impacto socioespacial, localizados no Pedramar.

Por fim, é importante destacar o Instrumento de Coleta de Dados, que na pesquisa foram áudios. Esses áudios foram gravados a partir da autorização dos entrevistados, utilizados para transcrição do material coletado.

Para a análise de conteúdo foi adotada a abordagem proposta por Bardin (2011). A aplicação da análise de conteúdo de Bardin (2011), em um contexto específico como o de Pedramar, pode servir como um estudo de caso metodológico para futuros pesquisadores.

Tendo em vista que a pesquisadora também é parte do território pesquisado e participa ativamente, foi utilizado também a metodologia de pesquisa-ação, definida por Thiollent (2011, p. 14) como sendo:

Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

O processo seguiu as etapas delineadas pela autora, iniciando pela pré-análise, que consistiu na leitura das transcrições das entrevistas semiestruturadas. Após este processo foi realizado a codificação para identificar as categorias, sendo elas: Histórico e ocupação; Transformações no território; Desafios na manutenção das ações e a dimensão sociopolítica.

Após esse processo, foi realizada a interpretação dos dados coletados, relacionando-os com os objetivos propostos na pesquisa. Em seguida, foram realizadas as interpretações e inferências, utilizando a pesquisa-ação para estabelecer relações com as teorias e autores presentes neste trabalho, bem como com as experiências e vivências da pesquisadora no bairro, identificando como o conteúdo coletado por meio das entrevistas reflete desafios e mudanças concretas.

Com base nos resultados, podem ser formuladas recomendações práticas para melhorar as condições urbanas e sociais, a exemplo do Pedramar, tais como a criação de mais espaços culturais e a implementação de políticas que incentivem a participação comunitária.

Pesquisar as práticas socioculturais deste bairro evidenciando as transformações positivas resultantes da organização popular pode inspirar outros bairros a adotarem práticas semelhantes.

Apresenta-se a seguir uma síntese das seções propostas para esta dissertação, sendo estruturadas em três seções.

A primeira seção intitulada “O processo de urbanização e a formação das periferias em Jacareí: entre precariedade e inclusão perversa”, apresenta a síntese do crescimento urbano da cidade de Jacareí, e os processos que constituíram as periferias, com uma compreensão frente às desigualdades socioterritoriais do município, a qual situa o bairro do Jardim Pedramar.

Na segunda seção “Ocupação Cultural e Mobilização Comunitária: Caminhos de Resistência no Jardim Pedramar” é apresentado um histórico do bairro, com destaque para os processos culturais e as iniciativas comunitárias que buscam suprir a falta de infraestrutura e serviços públicos, bem como evidencia as ações do Cultura no Morro, enquanto processo de consolidação de uma identidade periférica.

A análise inclui a dinâmica de organização local, as estratégias de resistência e os esforços voltados para a construção de uma infraestrutura básica que atenda às necessidades da população.

A terceira seção “Pedramar em Movimento: construindo territorialidades periféricas”, apresenta a análise a partir da pesquisa realizada dividida em categorias, evidenciando as dificuldades e desafios enfrentados frente às desigualdades, às quais se transformaram no pano de fundo para as ações e proposições no bairro do Jardim Pedramar.

### **1.1 O processo de urbanização e a formação das periferias em Jacareí: entre precariedade e inclusão perversa**

De acordo com o IBGE (2022), “o povoamento de Jacareí teve início em 1652, sob a denominação de Nossa Senhora da Conceição da Parayba.” No relatório de 2022 do referido órgão, Jacareí possui uma população de 240.275 pessoas e, em 2021, registrou um PIB per capita de R\$ 67.874,93.

Visto por uma perspectiva geográfica, de acordo com a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade, 2019), o Município está localizado às margens do Rio Paraíba do Sul e a menos de 100 km da Região Metropolitana de São Paulo, integrando a Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte, sendo ao todo 39 municípios.

Jacareí pertencia à região de Mogi das Cruzes. Segundo dados da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP): “a Lei n.º 17, de 3 de abril de 1849, em seu artigo 1º, eleva à categoria de cidades, com as mesmas denominações, as vilas de Bananal, Mogi-Mirim, Pindamonhangaba e Jacarehy” (São Paulo, 1849).

Outras informações pertinentes relacionadas ao Município nos são dadas por Denis Neto (1996 *apud* Cunha, 2003, p. 50):

No início do século XIX, a região foi extensivamente ocupada pela cultura do café, o que acelerou o processo de urbanização e trouxe riqueza para Jacareí. Esse período de prosperidade foi impulsionado pela alteração do leito do Rio Paraíba do Sul, afastado 404 metros da vila por volta de 1850.



como a pecuária, a agricultura, até a transformação com a chegada da industrialização:

Pelo ano 1886, alguns municípios do Vale do Paraíba acusavam decidida decadência da produção de café, pois que ela já se vinha processando há algum tempo; é o caso de Bananal, Jacareí, Santa Isabel, Pindamonhangaba, São Luiz do Paraitinga. Em outros, como Areias, Guaratinguetá, Lorena, São José dos Campos e Taubaté, começava a derrocada, que seria agravada pela abolição da escravatura. A campanha abolicionista vinha preocupando, não sem razão, os fazendeiros locais, enquanto que as autoridades regionais e os representantes políticos do Vale, refletindo os interesses dos cafeicultores, se inscreviam entre os opositoristas da ideia (Muller 1969, p. 35).

Assim como em outros locais, o Vale do Paraíba também foi afetado pela crise cafeeira, sendo dependentes dessa monocultura, havendo a necessidade, na época, de um processo de adaptação. Um retrato em perspectiva das atividades agrícolas dentro desse contexto nos é dado por Roldão (2023, p. 49):

Durante o século XVIII, as cidades maiores mantêm uma grande parte de sua população ocupada com atividades agrícolas. Alguns são grandes lavradores proprietários, “sesmeiros”, enquanto a maioria é composta por médios e pequenos proprietários, a julgar pelo número de “sítios” e “chácaras” que produziam para o próprio sustento (Roldão 2023, p. 49).

Villaça (2001) destaca o fenômeno do desenvolvimento nos grandes centros urbanos, que de alguma forma também teve impacto no processo de deslocamento dos indivíduos do campo para as cidades. Ele afirma que “Um dos traços mais marcantes do processo de urbanização que se manifestou no Brasil a partir do final do século XIX foi o rápido crescimento das camadas populares urbanas” (Villaça, 2001, p. 226).

Concomitante às proposições feitas por Villaça (2001), Santos (2009) apresenta os dados referente ao índice de urbanização no Brasil num período de meio-século, que vai de 1890 a 1940; ele destaca o salto que houve nesse período, “entre os anos de 1890 e 1920 cresceu aproximadamente 3% e foi somente no período entre 1920 e 1940 que o Brasil viu sua taxa de urbanização triplicar, chegando a 31,24%.” (Santos, 2009, p. 25)

Ricci (2006, p. 47) faz uma leitura preliminar do processo em que foi instaurada a gênese da industrialização, nas décadas finais do século XIX e na primeira década do século XX. Ele afirma:

Antes do processo intensivo de industrialização a partir da década de 1950, o município de Jacareí registrou a gênese da sua atividade industrial com as instalações da indústria têxtil, empregando em torno de 600 trabalhadores, no período de 1879 a 1911.

Neste processo, ocorreu a migração de trabalhadores rurais para as cidades, em busca de emprego nas indústrias que estavam surgindo naquele momento. Segundo Maricato (2000), “esse crescimento se mostra mais impressionante ainda se lembrarmos os números absolutos: em 1940, a população que residia nas cidades era de 18,8 milhões de habitantes, e em 2000 ela era de aproximadamente 138 milhões.”

Santos apresenta que “foi necessário mais um século para que a urbanização atingisse sua maturidade, no século XIX, e ainda mais um século para adquirir as características com as quais a conhecemos hoje” (Santos, 1993, p. 19).

Esse deslocamento desordenado para as centralidades, em busca de empregos e melhores condições de vida, reflete um processo marcado pela exclusão e pela desigualdade socioespacial, priorizando um crescimento econômico, nas regiões centrais, incluindo a população vulnerável na reprodução da força de trabalho.

Kowarick (1994) ressalta a superexploração da força de trabalho, que, segundo ele, “esteve exemplarmente presente no processo de constituição do mercado de trabalho livre no Brasil” (Kowarick, 1994, p. 82).

Todos esses aspectos supracitados, fundamentados em fontes que fizeram um percurso diacrônico na história do processo de desenvolvimento e evolução das cidades, servem para demonstrar que não se trata de um desenvolvimento organizado, mas desorganizado, propiciando o surgimento das periferias e, ainda, seu subdesenvolvimento quando comparado ao desenvolvimento observado nos grandes centros.

Marcado por um período de transição, esse processo foi responsável também pelo aumento da migração de pessoas para a região em busca de trabalho, ocasionando mudanças significativas na estrutura social da cidade de Jacareí.

O crescimento industrial do município de Jacareí, assim como de São José dos Campos, foi acompanhado de um intenso movimento migratório, originário principalmente do sul de Minas Gerais, de outras cidades da região e do norte do estado do Paraná. Este crescimento da indústria da RMVale, durante a segunda metade do século XX, está atrelado ao processo de acumulação capitalista brasileiro na região Sudeste, marcado pela ligação com as indústrias da Região Metropolitana de São Paulo (Vieira *et al.*, 2003, p. 929).

Decorrente deste movimento migratório em Jacareí, ocorreu uma ocupação desordenada do espaço, tendo em vista o rápido crescimento da cidade, bem como de bairros populares em áreas periféricas. Segundo o autor:

Um dos reflexos da expansão urbana no município de Jacareí, no processo de adaptação da cidade para incorporar a atividade industrial, foi uma ocupação desordenada do espaço urbano, visto que se intercalaram indústrias e bairros populares, sem infraestrutura alguma, deixando inúmeros vazios (Vieira *et al.*, 2003, p. 939).

Segundo Santos (2009), a cidade, enquanto relação social e materialidade, torna-se geradora de pobreza, tanto pelo modelo socioeconômico que a sustenta quanto por sua estrutura física.

É, portanto, dentro desse contexto, que se materializa no curso da evolução urbana — que avança pelos séculos XIX e XX — o início da formação das periferias, decorrente da ausência de planejamento adequado, da falta de políticas habitacionais, da baixa infraestrutura e de serviços públicos. Essas áreas, frequentemente associadas à precariedade, são afastadas e acessíveis para a moradia da classe trabalhadora, enquanto os centros urbanos concentram a maior parte dos investimentos, gerando uma segregação socioespacial.

Retomando Ricci (2006, p. 63):

Em decorrência das instalações fabris e do processo de industrialização constantes, começaram a se formar novos núcleos de ocupação urbana, loteamentos destinados a um acréscimo de população, principalmente para os novos trabalhadores que se dirigiam para a próspera região do Vale do Paraíba em busca de novas perspectivas. Também houve uma aceleração de núcleos não regularizados de ocupação, os loteamentos clandestinos. Alguns municípios do Vale do Paraíba não sofreram quedas drásticas nos indicadores econômicos, e seus recursos foram viabilizados para o desenvolvimento em outras áreas, como, por exemplo, o município de Jacareí, que tem novas atuações em investimentos em outros ramos, sendo também um dos pioneiros no ramo têxtil (Ricci, 2006).

No ano de 1970, ocorreu a expansão da Rodovia Presidente Dutra (BR-112), abrangendo os municípios de Jacareí, São José dos Campos, Caçapava, Taubaté e Pindamonhangaba, facilitando o acesso entre as cidades e favorecendo a

industrialização. Segundo Roldão (2023), entre os anos 1940 e 1970, consolidou-se em Jacareí uma organização intraurbana poli nucleada<sup>1</sup>, constituída por:

Centro histórico que se expande a leste do rio Paraíba, ao longo da rodovia SP-066 (antiga estrada Rio — São Paulo) articulado por um sistema de vias; 2. segundo núcleo que se organiza na área que hoje corresponde ao entroncamento das rodovias Presidente Dutra, que liga o Rio de Janeiro a São Paulo, e a Dom Pedro, inaugurada em 1972, que faz a ligação do Vale do Paraíba e a Região Metropolitana de Campinas, partindo da Rodovia Henrique Eroles, em Jacareí; 3. terceiro núcleo, constituído no Parque Meia Lua, do outro lado da via Dutra, sentido São Paulo, e em suas imediações, a nordeste do território municipal; 4. e o quarto núcleo, no Distrito de São Silvestre, a sudeste do município, partindo da SP-066.) (Roldão, 2023, p. 38).

O fato de existirem cidades margeadas ao longo da rodovia Presidente Dutra foi considerado um fator estratégico, na época, por favorecer a instalação de indústrias nos terrenos próximos à rodovia, privilegiando essas cidades. No entanto, é importante considerar que isso foi realizado de forma desequilibrada, como aponta Müller (1969, p. 910): “Por não ter atingido a todos os centros urbanos e nem o ter feito com a mesma intensidade naqueles a que chegou, a industrialização agiu como elemento seletor e hierarquização da rede urbana regional”.

No entanto, é digno de nota que essa importante rodovia foi responsável pela expansão da cidade de Jacareí, sendo necessário também considerar o surgimento da periferia como um elemento consequente do modelo de desenvolvimento que foi adotado, o qual favoreceu a emergência desse fenômeno.

Denis Neto (1992 *apud* Cunha, 2003, p. 53) ressalta essa questão. Ele afirma:

Ao longo das vias de ligação do núcleo central com a Dutra, intercalaram-se indústrias e bairros populares, sem qualquer infra-estrutura, deixando inúmeros vazios. Numa comparação direta com as configurações habitacionais identificadas por Fernandes (1983) para São Paulo, pode-se dizer que aparecia em Jacareí a primeira periferia. Com o tempo, além das vias de ligação com a Dutra, também foram ocupadas áreas ao longo das ligações com São José dos Campos (SP 66), Guararema (SP 66) e Santa Branca (SP 77).

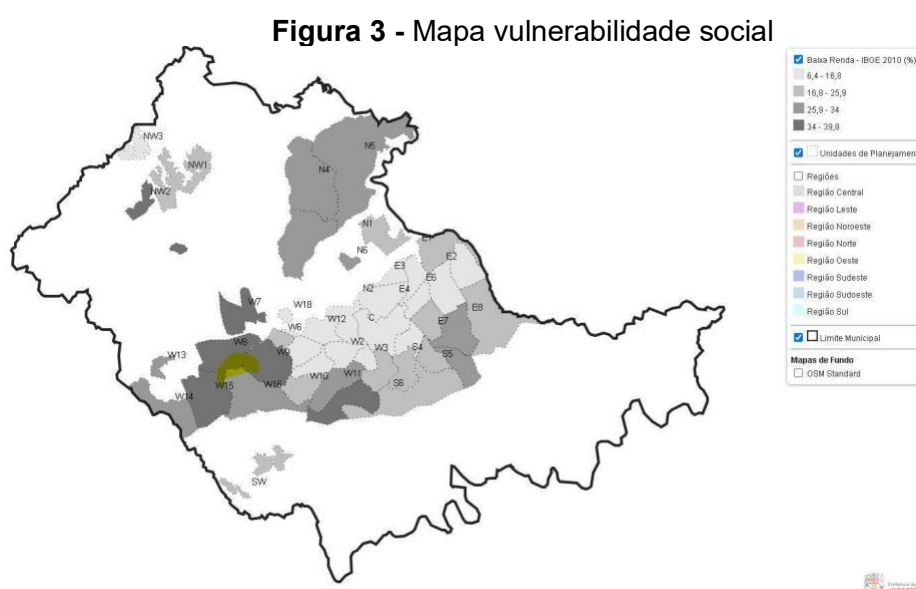
---

<sup>1</sup> A autora situa esse período dentro de um contexto de legislação urbanística em Jacareí, em que conjuntamente à expansão estrutural que se expande, tal como mencionado, surge também aspectos legais como o Plano Diretor do Município, pela Lei nº. 1332, que ela própria referencia como “planos técnicos sofisticados, mas difíceis de serem implementados” (*Idem*, p. 39), o qual veio a ser revogado 9 anos depois com a edição da Lei 1.924, que dispunha sobre o Uso e Ocupação do Solo.

Esse formato de ocupação não está circunscrito apenas à cidade de Jacareí, sendo um padrão que ocorreu em várias localidades, replicando um modelo de crescimento e expansão urbana desordenada.

Para o autor, “a lógica do crescimento urbano de Jacareí, a partir de então até meados dos anos 70, concentrava as classes médias em torno do núcleo central em bairros novos, planejados segundo ideias modernistas” (*idem*, p. 54).

Na Figura 3, o mapa evidencia as regiões de vulnerabilidade da cidade de Jacareí.



Fonte: Jacareí, 2022.

No mapa, existem pontos de vulnerabilidade, e o Jardim Pedramar se encontra nesta avaliação, sendo que essa classificação se dá em consonância com o rendimento nominal médio dos domicílios.

Nas periferias, a população tem apresentado um crescimento considerável. Desde a década de 1970, as construções de baixo custo são equivalentes à remuneração pelos trabalhos prestados. Esse fenômeno, denominado “urbanização dos baixos salários”, conforme Maricato (1996), é decorrente da industrialização de baixa remuneração.

Segundo a autora, a classe trabalhadora, por conta da extrema desvalorização de sua mão de obra, não conseguia realizar o pagamento de moradias em regiões próximas ao trabalho, pois essas não eram compatíveis com seus salários: “No Brasil, onde jamais o salário foi regulado pelo preço da moradia, mesmo no período

desenvolvimentista, a favela ou o lote ilegal combinado à autoconstrução foram parte integrante do crescimento urbano” (Maricato, 1996, p. 39).

Dessa forma, a industrialização baseada em baixos salários determinou grande parte do ambiente a ser construído. Ao lado do grande contingente de trabalhadores que permaneceu na informalidade, os operários subempregados do setor industrial não tiveram seus salários regulados pela necessidade de sua reprodução, com a inclusão dos gastos com moradia, por exemplo.

A urbanização dispersa evidencia-se também como uma problemática, favorecendo a formação das periferias e negando o direito à cidade, segundo Limonad (2021). Essas periferias se constroem levando em conta diferentes grupos sociais que vivem e convivem marginalizados em relação ao modelo instituído para os grandes centros. O autor afirma, em relação a essa questão:

Por um lado a urbanização consome de forma crescente o espaço social e os recursos naturais estendendo a urbanização sobre o território, segregando e alijando diferentes grupos sociais da possibilidade de sua apropriação e uso. Nas cidades o espaço vivido tende a ser alienado de seus habitantes, que perdem gradualmente o direito a cidade, ao não se reconhecerem mais nos espaços produzidos como valor de uso (Limonad, 2021, p. 41).

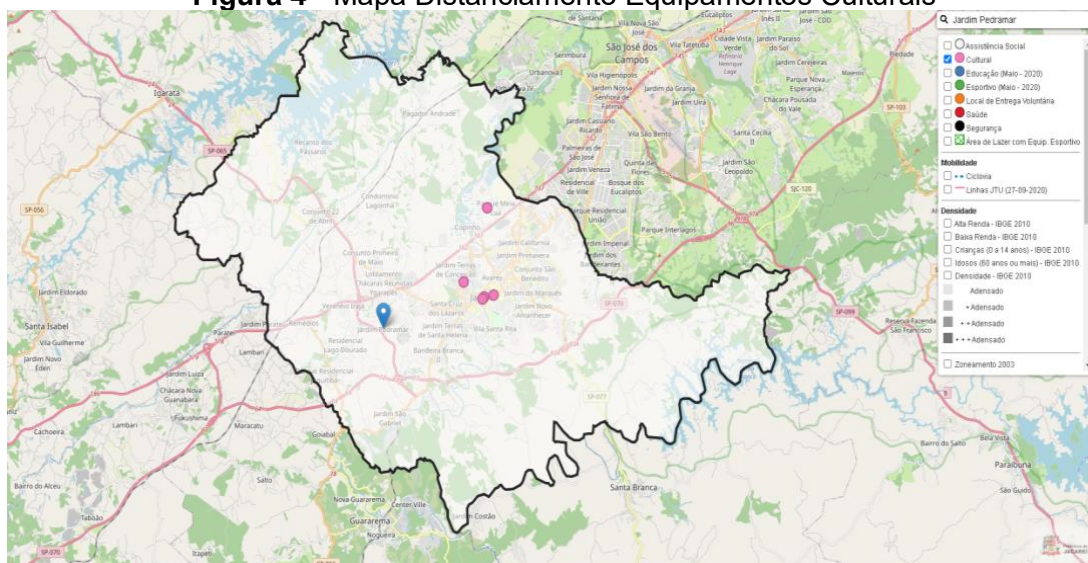
Na cidade de Jacareí, na mesma década da criação do Jardim Pedramar, nos moldes de loteamentos, é fundado o Jardim Paraíso, que segundo E4, na entrevista realizada para este estudo, aponta que:

Todas essas questões, mesmo que existiam na década de 90, de ter loteamentos que surgiam de um dia para o outro em Jacareí, sem infraestrutura, sem água, luz, esgoto. A chegada da água, a chegada do asfalto demorou muito tempo para ter todas as ruas asfaltadas no Jardim Paraíso (E4 entrevista).

O entrevistado relembra que, antes, a água era obtida por meio de poço e o esgoto, por meio de fossa. Após a chegada da infraestrutura, ocorreu uma espécie de elevação da autoestima, que mudou o comportamento da população, servindo como impulsionador para o início das melhorias nas residências.

O mapa da Figura 4 evidencia o distanciamento dos Equipamentos Culturais do bairro Jardim Pedramar, sendo que, atualmente, para acessar a Sala Mário Lago, localizada na região central, são necessários 45 minutos de transporte público.

**Figura 4 - Mapa Distanciamento Equipamentos Culturais**



Fonte: Jacareí, 2022.

Naquela época as festas de rua eram mais comuns, a autora associa com o distanciamento dos equipamentos públicos localizados nas centralidades, dificultando os acessos.

A questão cultural na época era essa organização comunitária e colaborativa do bairro mesmo, de criar as festas juninas, as festas comemorativas. Acho que a gente se depara com essa coisa cultural e artística de ter ali o palco, cantor sertanejo, o artista, a presença do artista, com a aparelhagem de som (Entrevistado 4).

No que diz respeito à cena cultural nos bairros periféricos, não há registros de políticas públicas nesta época. O entrevistado aponta que, no Jardim Paraíso, as atividades artísticas e culturais eram ligadas às instituições religiosas, não se recordando de políticas públicas voltadas para essa área.

E aí a gente não entendia o que era essa coisa da política pública, porque em 1990 era essa coisa mesmo dos eventos, não na preocupação da formação e capacitação. Então tinha algumas oficinas, porém a cidade estava num processo de transformação, de tirar os trilhos do centro da cidade. A gente pega essa época ainda que passava trem, não passa mais. Então, essa reconfiguração do centro da cidade muda toda a forma da gente também olhar a cidade. Só depois de discutir várias vezes, a cultura hip-hop, a cultura popular, me deu essa noção de entender que a participação popular é importante, nesses espaços de discussões, que as autoridades nos ouçam para saber quais são as nossas necessidades do território e criar caminhos para isso (Entrevistado 4).

No âmbito cultural, a cidade conta com a Fundação Cultural de Jacarehy, criada em 1981 por meio da Lei nº 2.034. Em 1993, a fundação tornou-se uma Fundação

Pública de Direito Público, adotando o nome do compositor José Maria de Abreu, de Jacareí, como seu patrono.

Uma das leis que, desde 1995, tem sido fomentada é a Lei de Incentivo à Cultura, que foi instituída com investimentos financiados 100% por meio de incentivo fiscal. Anualmente, o edital é aberto, e produtores culturais inscrevem seus projetos, que são avaliados por uma comissão. Caso o projeto seja considerado viável, ele é aprovado para a etapa de captação de recursos, na qual, nos últimos anos, o próprio proponente deve buscar apoio financeiro junto às empresas.

Ressalta-se que, mesmo com a política pública instituída no âmbito cultural, na entrevista com E4, foi revelado que, no ano de 1990, ele se deparou com a cultura carnavalesca:

Porque a primeira vez que eu saí no desfile de carnaval foi justamente por conta do futebol, sai com o uniforme do time, numa ala, e essa é a primeira vez que a cultura carnavalesca impacta assim na minha vida, que a gente fazia parte ali daquele agrupamento de pessoas que se juntava para poder fazer algo (Entrevistado 4).

Pelo que consta nos registros pesquisados, na década de 1990, as atividades nas periferias eram voltadas para o futebol. Para E4, essa década foi um processo de entendimento, principalmente na perspectiva de um menino que morava em um bairro sem infraestrutura. O sonho de qualquer criança era ser jogador de futebol, tendo em vista que a única referência nas periferias naquela época eram os times que realizavam campeonatos:

Primeira cultura que eu me deparei, que é a cultura esportiva, entre 1990 e todas aquelas dificuldades tecnológicas de não ter televisão em casa, quando chegou a televisão chega com as dificuldade de não pegar todos os canais, a informação revista jornal, então era difícil nessa época e infraestrutura você ter alguma forma algum jeito de ser alguém, um bairro com essas condições, entre 1974 a 1990 foram estas dificuldade de infraestrutura (Entrevistado 4).

O entrevistado conta que naquela época se deparava “com esse mundo que era reduzido ainda, porque a gente não tinha acesso a muitas informações sobre a cena cultural, nessa época, era muito bairrista, eu lembro também que pra gente ir pro centro da cidade era uma questão de status”. O mesmo evidencia a dificuldade de deslocamento para as regiões centrais.

No Jardim Pedramar também aconteceram algumas das primeiras ações no tocante ao esporte. No questionário respondido por Q4, residente do bairro Jardim Pedramar e membro da associação dos moradores, ele conta que: “No início do bairro era gostosa, o forte na época era o futebol, estava em alta na época todos gostavam, tinha futebol feminino, íamos para o campo lá embaixo, tínhamos um time disputando fora do bairro”.

Entre as escolas de samba, o entrevistado E4 revela que, com o passar dos anos, se deparou com a militância, alguns coletivos e o movimento negro, que, em sua visão, eram tímidos.

Então eu posso dizer que a minha adolescência e a transição para adulto, foi em função do carnaval. Precisamente de entender a cidade como essa efervescência cultural e artística de impacto no território através do carnaval. E aí eu passo também a compor alguns grupos e discutir algumas questões relacionadas à formação e capacitação através da cultura hip-hop (Entrevistado 4)

O entrevistado se recorda de um festival comunitário que encontrou várias pessoas, que discutiam a questão do racismo, preconceitos, onde desperta o mesmo. “Na mesma época eu escuto uma música do Racionais MCs que é o Voz Ativa, tem algo a dizer, explicar pra você, mas não garanto, porém, que engraçado você veio dessa vez, para os mandos daqui, para os mandos de lá”. Lembra também que tinha um grupo de dança denominado “Euforia House”, que ensaiava os passinhos para participar dos concursos que davam visibilidade.

Tinha muito concurso de passinhos, então a gente se organizava através de grupos e dançavam coreografias para participar desses concursos. Participar de um concurso de dança, onde tinha ali uma nata da dança da época era o máximo para qualquer adolescente. Então lembro que a primeira vez que eu fui numa discoteca fora da minha cidade, foi na Circus, era no Shopping Centro, onde é o Teatro Municipal hoje em São José dos Campos. Então, assim, você sai daquele menino lá da periferia, que sai da sua casa, pega um ônibus intermunicipal e vai para uma outra cidade. Então você descobre um outro mundo que o mundo é muito maior do que a gente imaginava (Entrevistado 4).

É a partir do conhecimento dessas atividades que E4 passa a frequentar e realizar formações e capacitações. Ele conta: “Comecei a colecionar livro, revista, jornal, a partir ali, tanto que eu tenho um acervo iconográfico hoje de coisas que eu juntei há muito tempo, fita de VHS”. O mesmo relembra que saiu de Jacareí para trocar experiências com outros movimentos de Campinas, São José dos Campos, Caçapava

e Taubaté, após entender que existiam outras coisas além do bairro. Na cidade de São Paulo, na estação São Bento, ele frequentava o local, considerado na época como berço do hip hop, que, no entanto, era cultuado nas periferias, sendo este local ponto de encontro da cultura, em local central. Em Jacareí, essas movimentações ocorriam na Praça do Rosário, com a dança break. O entrevistado revela ainda que:

Tinha um espaço que eu gostava, chamava de oficina Santa Helena, onde que é hoje ali em frente ao shopping. Então na oficina Santa Helena tinha eventos de rap, tinha oficinas, várias ações e atividades, a gente ia para o centro da cidade, muitas das vezes até sem saber o que tinha porque não chegava pra nós a programação, então era muito distante, hoje parece que é mais perto a comunicação pra chegar, você passa a entender que existe uma organização, naquela época tinha a Fundação Cultural, uma organização que é uma autarquia que cuida do fomento de cultura da cidade, porém a gente nesse tempo não se interessa em entender como que funciona, porque a gente só ia nos eventos e era isso que tinha (Entrevistado 4).

A partir dos relatos, é perceptível que a divulgação das atividades que ocorriam na região central não alcançava a periferia da cidade naquela época. D'Andrea (2013) afirma que a população periférica engendrou uma narrativa e elaborou uma subjetividade para explicar seu lugar no mundo e fundamentar sua existência. Essa narrativa, expressa por meio de um movimento cultural, conseguiu condensar as expectativas e os sentimentos da população periférica. Essas práticas, de acordo com cada território, manifestam-se nas mais variadas vertentes, como formas de afirmação da identidade, com o objetivo de transformar a localidade. O entrevistado 4 aponta que, em sua visão, uma das culturas que funciona como ferramenta de transformação nas periferias é o movimento do carnaval. Ele afirma que:

Eu falo até com propriedade, porque hoje eu sou diretor de carnaval de uma escola, que impacta diretamente no território, que é aqui no Jardim Emília, Mississippi, Jardim Flórida, Vila Ita I e II, agente consegue fazer uma movimentação artística e cultural fazendo com que as pessoas cantem dancem e sejam os protagonistas de uma atividade participativa cultural que tem muito orgulho, de vestir uma fantasia para poder defender alí seu território, seu bairro, então essa pra mim é a maior expressão cultural da periferia é a escola de Samba (Entrevistado 4).

Além disso, essas narrativas desempenham um papel crucial na construção de sentidos de pertencimento, na promoção de consciência crítica e na luta pelos direitos, sendo capazes de tensionar a ordem desigual vivenciada nas periferias. A partir dessas proposições, os espaços periféricos tornam-se locais dinâmicos de produção

de conhecimento, construção de autonomia e identidade. Essas questões, tensionadas nas dinâmicas culturais, estão relacionadas a uma nova perspectiva, que propõe o uso e a ocupação do espaço do território, tal como defendido por Escobar (2016).

Por meio da entrevista com E4, evidencia-se que, na cidade de Jacareí, ocorrem algumas dificuldades devido à falta de centros culturais na periferia. Existem alguns equipamentos que são diretamente ligados ao setor público:

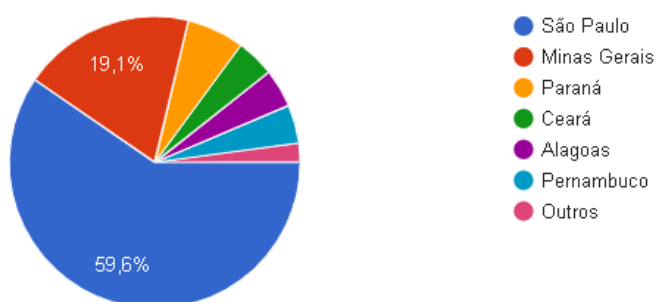
A gente pega os Educamais, que é ligado à Secretaria da Educação, que ao meu ver não funciona, porque tem umas regras muito rígidas para os usuários, fechado no final de semana, várias regras mesmo de dificuldades do acesso do munícipe, dessa pessoa que mora no entorno, agente sempre achou um desperdício de ter um buta equipamento chamado de Educamais e assim ficar lá, sem ações e atividades que contempla o território, então são várias dificuldades do apoio a cultura periférica aqui na cidade, porém hoje a gente já tem o olhar pouco mais criterioso, a própria Fundação Cultural, com a pressão de alguns artistas e alguns movimentos e coletivos que promovem ações, atividades e projetos nas periferias, vemos a presença de alguns produtores e produtoras dos editais, que são proponentes da periferia que quer fazer arte e cultura na periferia, então hoje estamos caminhando para uma mudança de formação, capacitação de pessoas e agentes nos territórios para lidar com essa demanda que é muito grande que é sanar as necessidades culturais e artística dos bairros periféricos (Entrevistado 4).

Com o intuito de construção de novas centralidades, transformando o território no que diz respeito ao desenvolvimento da cidade, faz-se necessária a garantia da integração de políticas públicas que favoreçam as necessidades sociais, de mobilidade, bem como o desenvolvimento econômico. Maricato (1996) destaca que, nas cidades brasileiras, fruto de um processo de urbanização do capitalismo periférico, a periferia é produto do distanciamento, da exclusão e da segregação. O resultado desse processo histórico, permeado pelas desigualdades, resulta na concepção das periferias, motivada pela ocupação desigual dos centros, sendo esta questão diretamente ligada à inclusão perversa dos sujeitos periféricos, esquecidos nas regiões distantes das políticas públicas. A cultura periférica da cidade de Jacareí vem rompendo estigmas e evidenciando que tem condições de fazer arte e cultura, com grandes impactos, mesmo com poucos recursos, criando padrões específicos de acordo com as especificidades de cada território.

## 1.2 História e formação do Jardim Pedramar: urbanização, inclusão perversa e luta por direitos

O Jardim Pedramar está localizado na região oeste de Jacareí. Desde sua criação, o bairro enfrenta a ausência de infraestrutura adequada; parte do esgoto ainda é depositado a céu aberto, e a estação de elevação de esgoto funciona apenas parcialmente. Em termos de equipamentos públicos, o bairro dispõe de uma quadra e uma academia ao ar livre, sendo esta última instalada em 2020. Realizou-se uma pesquisa rápida pela autora, utilizando um formulário do Google Forms, por meio do WhatsApp, uma ferramenta de comunicação utilizada por parte dos residentes do bairro, com o intuito de revelar de quais regiões a população é composta. Parte da população é proveniente dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Ceará, Alagoas e Pernambuco. A maioria das respostas foi referente ao Brasil, no entanto, uma residente respondeu que sua cidade de origem é Santiago, no Chile.

**Figura 5 - Gráfico Migrantes Jd. Pedramar**



Fonte: Google Forms, pesquisa elaborada pela autora.

No início da década de 1990, foi promulgada a Lei n.º 2874, de 20 de dezembro de 1990, que regulamenta o uso do solo no município de Jacareí e autoriza a criação de áreas de interesse social:

ZONA HABITACIONAL DE INTERESSE SOCIAL - é o conjunto das áreas definidas pela administração municipal destinada ao assentamento habitacional da população de baixa renda onde exista o interesse social em se promover o parcelamento do solo e/ou sua regularização, visando a sua integração à estrutura urbana (Jacareí, 1990).

A partir dessas mudanças, surgiu um modelo de empreendimento como o Jardim Pedramar, que oferecia lotes a preços acessíveis, beneficiando muitas famílias que não tinham condições de comprar terrenos em bairros centrais devido aos altos valores:

No dia 12 de maio de 1991, foi criada a Associação dos Moradores do Tanquinho, com o objetivo de comprar uma porção de terras, elaborar um projeto e construir um loteamento para contemplar aproximadamente 600 famílias de baixa renda. A proposta do loteamento foi divulgada por meio de um panfleto lançado nas ruas de Jacareí, oferecendo terrenos com custo baixo e planos de pagamentos facilitados, em um local com infraestrutura (Jorge, 2021, p. 77).

A associação foi fundada com o objetivo de promover a venda de terrenos acessíveis. No entanto, as condições básicas de infraestrutura não foram cumpridas. Após a entrega dos lotes, os responsáveis não assumiram as obrigações acordadas com a população, resultando em um loteamento irregular:

O projeto do loteamento foi elaborado separando no terreno comprado pela associação as áreas verdes – uma parte da Mata Atlântica que permanece margeando o bairro –, a área da capela e das ruas. O restante do terreno foi dividido em 16 quadras, compostas por 634 lotes. Ele não contemplou espaço algum para a construção de equipamentos de lazer, nem de escola, creche ou posto de saúde no bairro. A área disponível para os moradores se resume aos lotes que cada morador comprou, às vias urbanas e à Capela de São Benedito, já que a mata é uma área de preservação permanente (APP) (Jorge 2021, p. 79).

Inicialmente, houve a promessa de infraestrutura; no entanto, até hoje, o esgoto a céu aberto, a insegurança jurídica e a incompletude dos serviços públicos ainda persistem. A área foi dividida em 16 quadras, com 634 lotes, e a localização geográfica do bairro fica a cerca de 8 km da centralidade.

Santos (1979) ressalta a ausência de bens e serviços como um aspecto que caracteriza a situação periférica de populações, como a que vive no Jardim Pedramar:

Em termos geográficos, a periferia não será definida pela distância física entre um pólo e as zonas tributárias, mas antes em termos de acessibilidade. Esta depende essencialmente da existência de vias de transporte e da possibilidade efetiva de sua utilização pelos indivíduos, com o objetivo de satisfazer necessidades reais ou sentidas como tais. Mas a incapacidade de acesso a bens e serviços é, em si mesma, um dado suficiente para repelir o indivíduo e também, afirma, a uma situação periférica (Santos, 1979, p. 290).

A reflexão feita pelo autor evidencia que a acessibilidade é essencial para garantir a inclusão da população periférica, algumas das quais são geograficamente distantes da oferta de bens e serviços das centralidades.

O documento de aprovação do loteamento consta a data de 08/07/1992 (vide figura 7), a qual valida o reconhecimento. As informações e agendamentos de reuniões eram realizados por meio de cartas enviadas para os associados, sendo possível buscar maiores informações diretamente na Câmara, no gabinete do vereador Itamar Alves, que, na época, era vereador da cidade e fundou a Associação de Moradores do Tanquinho para a realização da compra de áreas com o objetivo de moradia popular.

Além do Jardim Pedramar, outros bairros foram construídos no mesmo formato de associação, como o Parque Imperial e a Vila Ita I e II, que ainda sofrem até hoje com questões de regularização.

O acesso ao Jardim Pedramar é feito por meio da estrada atualmente denominada Edson Loesch de Freitas, antigamente conhecida como Estrada do Tanquinho. Na época, residia na área uma pessoa idosa, em um espaço atualmente localizado entre os dois bairros (Imperial e Pedramar), que foi desapropriada para o alargamento da via, com a promessa, por parte do vereador Itamar Alves, de que um lote seria destinado ao bairro Jardim Pedramar.

Por meio de um relato, uma residente, filha da idosa, contou que foi um momento de muitas dificuldades. O vereador, na época, fez a promessa, mas não a cumpriu, destinando uma área verde, a qual, até os dias atuais, a família que herdou, após o falecimento da idosa, não conseguiu regularizar. Na época, foi realizada uma reportagem sobre o descaso, sendo preservados os nomes, com o intuito de não expor a família.

Figura 6 - Reportagem Folha de Jacareí



Fonte: Arquivo pessoal residente.

A área que hoje é o bairro do Jardim Pedramar, foi chamada de “loteamento do Tanquinho”, referenciando a região que era conhecida popularmente por esse nome. Anterior ao bairro era uma grande fazenda particular, sendo vendido parte da mesma para a Associação dos Moradores. Há relatos populares que na região tinha um tanque de água e era utilizada pelos tropeiros como ponto de parada de descanso, uma vez que a estrada foi rota de carros de boi, ligando Jacareí a Guararema, dando acesso a Mogi das Cruzes.

Figura 7 - Documento da aprovação do Loteamento do Tanquinho



Fonte: Arquivo Cultura no Morro

As moradoras do bairro relembram o dia do sorteio dos lotes, com uma riqueza de detalhes. Elas lembram que, nesse dia, houve uma festa na igreja. A entrevistada E5 relatou que “o prefeito veio na época, veio um monte de gente”, e sua filha E6 conta que “era legal porque todo mundo descia para ver o bairro, para conhecer onde seria o terreno”.

A residente Q8 aponta que “no dia do sorteio, teve ônibus que o vereador Itamar Alves arrumou na Câmara. Foram dois dias para sortear todos os lotes. O meu lote foi sorteado no segundo dia e foi exatamente o que eu queria”. Na figura 8, acervo pessoal, está o bilhete sorteado.

**Figura 8** - Bilhete do sorteio

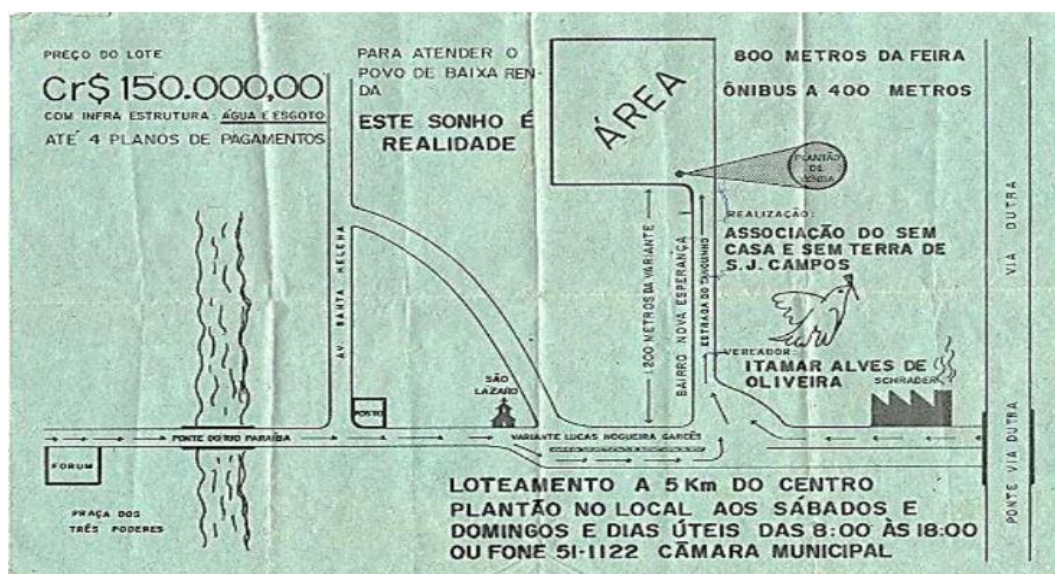


Fonte: Arquivo pessoal residente

A residente guarda todos os documentos referentes a compra do terreno, de forma afetiva, pois foi o primeiro que conseguiu comprar; anteriormente as moradias por onde passou eram de aluguel, sendo possível a construção somente no ano de 1998.

Na figura 9, acervo do panfleto de divulgação que foi distribuído na região central, a qual a mesma encontrou na rua.

**Figura 9** - Panfleto divulgação venda dos lotes Jardim Pedramar



Fonte: Arquivo pessoal residente

A análise documental deste panfleto condiz com o que foi revelado nas entrevistas, mostrando que o loteamento, em seu contexto social, foi destinado à população de baixa renda, evidenciando a ausência de políticas públicas na área da habitação na cidade de Jacareí. O anúncio promete a proximidade dos pontos de ônibus a 400 metros e acesso à feira livre. No entanto, a distância até o centro da cidade é de 5 km (o anúncio previa a compra do terreno onde hoje está o bairro Parque Imperial, que é próximo ao Jardim Pedramar). Essa área foi visitada pela associação, mas os herdeiros não aceitaram vender na época, sendo hoje localizada a 8 km de distância da centralidade.

No panfleto, consta o nome de um vereador da época, Itamar Alves, que era o presidente da Associação Moradores do Tanquinho, demonstrando a participação de uma pessoa pública na concepção do bairro. Além disso, a menção ao envolvimento com o Movimento Associação dos Sem Casa e Sem Teto de São José dos Campos transmite uma sensação de segurança, como se fosse um movimento organizado. No entanto, a partir das pesquisas realizadas, não foi encontrado tal envolvimento com os movimentos de moradia, não sendo possível afirmar essa questão.

O documento como um todo apresenta uma comunicação direta, com cores simples e algumas informações básicas, visando atingir o público-alvo e destacar aspectos como preço baixo, proximidade da feira e pontos de ônibus, com o intuito de convencer os moradores a adquirir os terrenos. No livro *Jardim Pedra Mar: um lugar*

com alma, a autora, em uma das entrevistas realizadas, evidencia o orgulho de um morador na época, por ter conseguido o primeiro terreno próprio.

Aqui oh.... Essa é a propaganda da rua, a Mônica achou na rua... foi assim que ela soube do loteamento... o pessoal distribuiu nas ruas. Aqui é o Nova Esperança, e a área é aqui ó. Está escrito: 'Loteamento a 5km do centro, 400m para acesso a ônibus... plantão no local sábados e domingos... dias úteis das 8 às 18 horas'. [...]. Esse aqui, é o original. Pra você ter uma ideia, olha a qualidade do papel. Tem mais de vinte anos. Foi no final de 80, início de 90 (Jorge, 2021, p.77).

Na figura 10, também acervo da residente, vemos o carnê que é guardado com cuidado, recordando o pagamento da primeira propriedade conquistada pela família.

**Figura 10** - Carnê de financiamento dos terrenos no bairro Jardim Pedramar



Fonte: Arquivo pessoal residente

Os carnês tinham como titular a Associação dos Moradores do Tanquinho, sendo repassados para o nome de cada proprietário a partir da formalização do registro em cartório, com a obtenção da escritura dos terrenos. Por um período, o bairro permaneceu irregular, impossibilitando os proprietários de realizar a regularização, o que só veio a ocorrer no ano de 2022.

Segundo afirmou o Secretário de Governo (gestão 2020-2024), “a região enfrenta insegurança jurídica desde sua fundação, já que o antigo loteador abandonou o espaço muito antes de terminar as obras necessárias e não cumpriu seguidas ordens judiciais” (Jacareí, 2022).

Desde a formação do bairro, estabeleceu-se uma colaboração entre os moradores por meio dos mutirões, como no momento de concretar a laje, que se finalizavam com uma festa em agradecimento aos voluntários. Tais mutirões também

eram frequentes nas festas populares nas ruas, por meio de doações e organização local. Essas ações eram comuns, ocupando o espaço vazio do território. Ocorriam também trocas de serviços, como o caso da residente E5, que passava roupas e limpava a casa de um morador, e em troca ele construía dois cômodos. Neste contexto, Maricato (2015) afirma que “essa construção se dá aos poucos, durante seus horários de folga, ao longo de muitos anos, ignorando toda e qualquer legislação urbanística, em áreas ocupadas informalmente” (Maricato, 2015, p. 26).

Com o bairro estabelecido e sem a infraestrutura adequada, as residências que conseguiram fazer um poço socializaram a água com os demais moradores que necessitavam, seja para novas construções ou para as necessidades diárias. Segundo o fundador do CNM, “o caminhão-pipa foi uma alternativa para a maioria das famílias, sendo a água armazenada em baldes e tambores, devido à demora para reabastecer”. A água encanada só foi possível no ano de 2000, conforme registro de uma moradora.

**Figura 11** - Carne Implantação da rede de água, frente e verso



Fonte: Arquivo pessoal entrevistado.

A análise documental deste carnê apresenta reflexos da organização comunitária para a implementação da rede de água. A data da assembleia realizada para aprovação foi 03/02/2000. Somente após 7 anos da constituição do bairro, os moradores tiveram acesso à água encanada. O carnê representa a formalização e

garantia do financiamento em busca de melhorias para o bairro, com o pagamento das taxas mensais.

A pesquisa evidenciou que, no início do bairro, as assembleias realizadas pela associação, convocando os moradores associados, eram uma forma de incentivar a participação popular em prol de melhorias estruturais.

As organizações e reivindicações, no início do bairro, eram realizadas por um grupo de residentes, entre mulheres e homens, que se organizavam no período noturno. A maioria deles era da classe trabalhadora, e participavam na linha de frente das reuniões e decisões em busca de melhorias. As conquistas surgiam de forma lenta, como, por exemplo, o acesso ao transporte público. Inicialmente, os residentes caminhavam até o início da estrada do Tanquinho, no final do bairro Nova Esperança. Foi a partir das reivindicações que foi possível a chegada do transporte público, uma conquista fruto dessas organizações.

Na figura 12, é possível visualizar a distância percorrida pela população para acessar o transporte público, cerca de 6 km ida e volta até o bairro Nova Esperança. E5 relembra: “Se essa fazenda do Tanquinho falasse, nós andávamos de sacolinha no pé, dentro desse mato aí, pra não sujar, até pegar o ônibus lá embaixo.” Em épocas de chuvas fortes, ela relembra que uma pessoa passou de automóvel e acabou jogando lama nela. Neste dia, ela chorou, não retornou, seguiu até o trabalho com as roupas sujas.

**Figura 12 - Distância percorrida para acesso ao transporte público**



Fonte: Elaborado pela autora, Google Maps (2025).

Ainda sobre o transporte público, segundo a Sra. E5, este chegou em junho de 1994: “começou os ônibus às 6h da manhã, um meio dia e o outro 18h, e começou a passar com muita briga.” Ela relembra que, naquela época, os residentes eram mais unidos para lutar pelos direitos. As reuniões eram feitas com a presença de um fiscal trabalhador da empresa de transporte público, o qual realizava a escuta das demandas para repassar para os responsáveis em busca de melhorias. Vale ressaltar, porém, que, no período de fortes chuvas, não havia transporte público devido ao acúmulo de lama.

E6, filha da Sra. E5, faz o seguinte depoimento relacionado à problemática da obtenção de água:

Quando a gente mudou aqui a questão da água era lá em cima, tinha uma mina que tinha uma caixa d’água, como tinha a fábrica de bloco que o Seu Nelson morava alí já, bem antes da gente mudar, ele tinha luz, por causa da fábrica e tinha bomba, ele ligava e enchia a caixa d’água. Quando queimava a bomba, e queimava direto, a gente tinha que descer lá embaixo, rezava para não chover, o pai tinha uns baldão, e a gente enchia para a mãe lavar a roupas.

Sra. E5, relata que fez um poço e doava água para os vizinhos realizarem a construção de suas residências.

Outra conquista importante foi o acesso à escola para as crianças e adolescentes, sendo disponibilizado um ônibus para levá-los até o bairro Vila Garcia, que era a unidade escolar mais próxima do Jardim Pedramar na época. Até mesmo o ônibus utilizava um desvio, indo pela estrada rural para acessar a escola mais próxima.

O Jardim Pedramar, até a data desta pesquisa, é dependente de atendimentos no bairro vizinho Parque Imperial, sendo eles: atenção básica em saúde, unidades de ensino regular que inclui duas escolas – uma municipal e outra estadual – além de uma creche municipal, sendo necessário o uso de transporte público para acesso a esses serviços.

Um dos fundadores do CNM, relata que uma pequena parcela da população que realiza as atividades propostas:

Eu acho que ainda é uma participação tímida, mas todos conseguem saber o valor daquilo, mas ao mesmo tempo por não ter e agente em curto espaço de tempo te dado uma qualidade para aquilo, eu acho que eles não se veem apropriados ainda, de tal forma para estar, dá uma impressão disso assim, eles não conseguem se apropriar porque nossa, isso não é pra mim parece porque já é tão máximo assim dentro de uma realidade de um bairro sem equipamento público, que eu acho que chega assustar e muitas vezes pensar que isso é do outro e tal, do externo, não tem essa ponte grande com os externos, vira quase que uma conexão com o externo né o Cultura no Morro específico assim, mas até mesmo a biblioteca viram antenas que conseguem conectar com o externo, que é buscar um financiamento que não chega, é trazer um professor para o campo, uma faculdade para o campo, trazer caminhos para isso, facilitar uma pesquisa acadêmica porque gera arquivos, gera conteúdo ou mesmo divulgar o bairro em uma visão nossa, que a gente fez muito, acho que a gente criou essa narrativa né, que não existia narrativa.

No decorrer da história, o processo cultural do bairro foi se forjando na coletividade, que era responsável pelas conquistas de alguns dos direitos que deveriam ser garantidos com a entrega do loteamento. Essas conquistas se afirmaram como concretas a partir do tensionamento iniciado pelas mulheres, que se estende até os dias atuais com novos atores, ocorrendo proposições em busca de novas subjetividades e na produção de outras lógicas.

No âmbito cultural, além dos editais e projetos viabilizados por leis de incentivo nessa área específica, também se manifestam projetos por meio de ações autônomas da sociedade civil, que realizam diversas manifestações culturais sem financiamento público.

Segundo E4, em Jacareí existem várias dificuldades, pois não há centros culturais nas periferias, e isso constitui uma problemática. Para ter acesso a esses lugares, a maioria dos residentes necessita de transporte público para poder participar das programações nas regiões centrais. Ele aponta que existem alguns equipamentos ligados ao poder público, mas que funcionam com horários reduzidos, sendo fechados durante a semana.

Dificuldades do acesso do munícipe, então são várias dificuldades do apoio a cultura periférica aqui na cidade, porém hoje a gente já tem o olhar pouco mais criterioso própria Fundação Cultural, com a pressão de alguns artistas e alguns movimentos e coletivos que promovem ações, atividades e projetos nas periferias, então hoje estamos caminhando para uma mudança de formação e capacitação de pessoas e agentes nos territórios para lidar com essa demanda que é muito grande que é sanar as necessidades culturais e artística dos bairros periféricos (Entrevistado 4).

Segundo o entrevistado, esse cenário vem se modificando a partir do conhecimento e acesso às leis. No entanto, pesquisas realizadas por Retamiro e Diniz (2023) evidenciam o impacto territorial na área da economia e apontam que:

Ao detalhar a análise da distribuição destes agentes econômicos que compõem a cadeia produtiva da cultura no referido município realizada por meio da identificação contida em cada documento fiscal analisado, foram identificados a distribuição em 54 bairros do município, sendo a região central o principal local de procura pelos proponentes para atenderem a demanda de seus projetos, correspondendo a 28% dos registros. Por meio dos endereços constantes no rol de registros, quanto a localização dos fornecedores de produtos e serviços situados em Jacareí e com base na região central do município (referência é o endereço da Fundação Cultura de Jacarehy) 57,4% dos fornecedores se encontram a um raio de até 3,1 Km. O registro de sede do prestador de serviço mais distante está no Jardim Pedramar, com 6,7 Km de distância. Ao analisar o gasto médio, denota-se que a periferia do município possui menor demandada, pois o valor médio maior na região periférica se deve a baixa quantidade de produtos ou serviços demandados (Retamiro; Diniz, 2023, p.122).

Na pesquisa, observa-se que o bairro do Jardim Pedramar apresenta baixa participação no que diz respeito ao acesso aos projetos e leis de incentivo, sendo marcado o início de tais investimentos por meio de editais a partir de 2013, sendo que nos anos anteriores eram realizadas atividades de forma colaborativa e com verba própria.

## 2 OCUPAÇÃO CULTURAL E MOBILIZAÇÃO COMUNITÁRIA: CAMINHOS DE POTÊNCIA NO JARDIM PEDRAMAR

Com a conquista da moradia e dos recursos mínimos adquiridos, as pessoas que ali viviam, cada uma com sua cultura, começaram a perceber a necessidade de ocupar o tempo e os espaços vazios, realizando encontros e festas desde o ano de 1993, conforme demonstrado na figura 13, linha do tempo dos processos culturais, na qual constam as principais ações. As novas gerações que cresceram neste bairro, influenciadas pelo movimento inicial de 1993, começaram a questionar a ausência de políticas públicas, propondo ações socioculturais.

É digno de nota a experiência do Cultura no Morro, que desempenhou um papel fundamental no processo de formação sociocultural do Jardim Pedramar. Atuando como um elo entre as iniciativas comunitárias iniciais e as novas proposições, o grupo impulsionou ações socioculturais que fortaleceram a identidade local, sendo estas também apresentadas na Figura 13. Esta Figura apresenta, de forma descritiva e linear, essas experiências, destacando a evolução das atividades culturais e a crescente mobilização da comunidade ao longo do tempo.

**Figura 13 - Linha do tempo processos culturais**



Fonte: Elaborado pela autora.

Para apresentar esta linha do tempo, foi realizada uma cronologia seguindo os anos em consonância às realizações, com um panorama dos principais acontecimentos no bairro. Foram aprofundados as ações e proposições que existiram e existem até a realização desta pesquisa.

A partir da linha do tempo, observa-se uma movimentação realizada pelos próprios residentes, com algumas ações financiadas por recursos oriundos de doações. Em 2013, ano em que foi fundado o Cultura no Morro, inicia-se uma busca por editais e elaboração de projetos. O início do bairro é marcado pelas festas populares; na capela de São Benedito, ocorriam as quermesses, e nas ruas, as festas juninas eram realizadas pelos moradores.

Em 1998, com a chegada de um circo mambembe, um residente apaixonado pela arte ficou admirado pela chegada do circo ao bairro e fez uma proposta para comprá-lo. Ele e sua família por quatro anos, deram continuidade às atividades do circo, realizando apresentações nos bairros de Jacareí.

Em 2004, um grupo de jovens criou a banda “Código 13”, com o intuito de ocupar o tempo ocioso. Os ensaios eram abertos no bairro, promovendo entretenimento no cotidiano dos moradores. Com o passar do tempo, a banda começou a se apresentar em escolas, eventos públicos e festas locais. Essa movimentação resultou em uma matéria de jornal, que evidenciou o olhar social dos integrantes da banda.

Figura 14 - Foto jornal reportagem da banda Código 13



Fonte: Registro pessoal do entrevistado.

O recorte de jornal destaca uma ação comunitária liderada por adolescentes que utilizavam a música como ferramenta de mobilização social e solidariedade. Publicado em 2005, o artigo contribui para documentar o envolvimento em iniciativas de combate à desigualdade social. Ao organizar shows musicais no bairro para arrecadação de alimentos, o grupo “Código 13” transformou o espaço público em um local de cultura e partilha. Os jovens passaram a produzir uma nova territorialidade ao reivindicar o bairro como espaço de expressão cultural e solidariedade, o que dialoga com autores como Haesbaert, que fala sobre o território como apropriação simbólica e prática do espaço.

Apesar da ausência de apoio institucional explícito, os jovens exercem uma forma de “infrapolítica”, conceito de James C. Scott, que se manifesta nas ações silenciosas, simbólicas e eficazes de resistência às condições de vulnerabilidade.

A banda gravou um clipe com recursos próprios, sendo as imagens captadas por E2 e um amigo que acompanhava a banda. Naquela época, o acesso à internet era mais escasso, e os integrantes tomaram conhecimento de que o nome “Código 13” já era utilizado por um grupo de rap ao subir o vídeo para uma plataforma digital. Neste período, tendo em vista outras prioridades dos integrantes, decidiram encerrar a banda. Na figura 15, fotos das apresentações da banda.

**Figura 15 - Apresentações da banda Código 13**



Fonte: Arquivo pessoal fundador do CNM.

Nessa mesma época, três jovens mulheres formaram um trio de rap, denominado “Revolução Feminina”, e assim como a Banda, também promoviam apresentações na cidade e no bairro. Com a repercussão do trio, foram convidadas a abrir o *show* do grupo Racionais MC’s, realizado em Jacaref.

Dentro de todo esse contexto cultural, em um bairro que pulsa arte e cultura, a falta de políticas públicas e a dificuldade de acesso aos espaços culturais localizados na região central despertam o desejo de criar e reproduzir um ambiente semelhante e acessível.

## **2.1 Cultura no Morro: pólo de formação e promoção de ações socioculturais no processo de consolidação de uma identidade periférica**

A pesquisa evidencia uma movimentação desde o início do bairro. Em 2009 um grupo de amigos iniciou a arrecadação de brinquedos para serem distribuídos no final do ano para as crianças. Nos anos seguintes a distribuição ocorreu em parceria com um moto clube da cidade e compondo a festa, ocorriam os ensaios abertos do grupo de amigos tocando ritmos populares.

A figura 16, apresenta o local que hoje é uma rotatória na entrada do bairro, na

época sem pavimentação asfáltica, com o mínimo de estrutura.

**Figura 16 - 1º Natal Solidário**



Fonte: Acervo Cultura no Morro.

Em 2012, o E3 assumiu a responsabilidade de cuidar de um espaço que havia sido utilizado para descarte de entulhos e lixo. Além do plantio de árvores, ele reutiliza objetos descartados para criar arte e esculturas, transformando a praça em um museu a céu aberto: “Eu tinha saído da empresa, já quase me aposentando e comecei a limpar aqui, era uma braquiária danada e foi desenvolvendo, desde 2012. Antes era só um terreno, no início tinha lixo, grade de cama, cadeira velha” (Entrevistado 3).

Conforme a figura 17, visualiza-se que no início de 2011 este espaço era somente uma ponta de sobra de terrenos, sem utilidade, que com o passar dos anos foi sendo transformado e atualmente conta com muitas espécies de árvores e plantas. Localizada em frente à Biblioteca Comunitária Ler Para Crescer (LPC), a praça é usada pelas crianças como um lugar para leitura à sombra das árvores.

**Figura 17 - Praça Guarani em 2011 e 2024**



Fonte: Acervo da autora.

É visível a mudança que ocorreu no espaço, que antes era um lugar de descarte de objetos e lixos, e atualmente é uma praça com sombra, frutas e bancos, a qual a população utiliza também como espaço de leitura. Segundo E3:

Em vista do que era mudou muito, como te falei não tinha nada, nada, não tinha nenhuma árvore, mudou muito. Pessoal elogia, povo do bairro mesmo, muitos perguntam se é você quem cuida daqui? Um negócio curioso, quando eu comecei a limpar aqui o pessoal pensava que eu queria me envolver na política, ser vereador, alguma coisa assim, eu falava, não tem nada ver não é que eu tenho prazer de cuidar daqui. Pois é, teve gente que perguntava. Eu faço por prazer mesmo, você não imagina o prazer que eu tenho, de fazer isso aqui. Qualidade de vida, após aposentadoria pra ficar parado não dá, tenho que arrumar alguma coisa para estar mexendo (Entrevistado 3).

Além de ser a única praça do bairro, há uma quantidade relevante de árvores plantadas formando um grande pomar, as quais fornecem frutas para os moradores e atrai animais silvestres, que ocupam este espaço em busca de alimentos. Segundo E3, os animais que frequentemente são avistados na praça são:

Gambá e o que tem mais, tem o Teiú, um dia desse ele veio ali no meu portão, aí o cachorro da vizinha, aciu ele, eu fiquei secando para ele não passar aqui, mas um bitelão quase do tamanho da minha bengala, subiu no murinho desceu pra lá. Tem o esquilo né, tem jacu, tem o lagarto, tem aquele bicho parecendo ariranha, gosta de água, tem pomba não a de jardim a do mato mesmo, asa branca, ninho de sanhaços, antes não tinha um passarinho, agora é cheio, periquito, maritaca é o dia inteiro. Coisa mais linda.

Os gastos realizados com algum insumo que o E3 necessita para a instalação das artes, são recursos próprios. No início até a água utilizada para regar as plantas, o mesmo levava de balde em balde de sua residência:

Agora não precisa mais, mas antes trazia lá de casa, agora quando planto nova vou jogando né, no começo eu trazia de balde em balde lá de casa. Tem uma árvore de 12 anos aqui. Aquele pé de manga foi o primeiro, era mato ainda, ele tem 12 anos, o primeiro lá da ponta.

No ano de 2013, o E2 em conjunto com sua companheira fundaram o Cultura no Morro, no espaço que anteriormente funcionava como lanchonete do mesmo, já com características culturais e temáticas, um ponto de encontro da juventude do bairro.

**Figura 18 - Lanchonete Revolucion L.A**



Fonte: Arquivo pessoal fundador do CNM.

Anteriormente à abertura do Cultura no Morro, os fundadores frequentaram espaços culturais nas regiões centrais com o objetivo de aprender e posteriormente transmitir esses conhecimentos. Durante esse processo, tiveram contato com leis de incentivo, que se mostraram ferramentas capazes de subsidiar as atividades realizadas no espaço cultural e de alcançar um número maior de participantes nas atividades promovidas, uma vez que não ocorriam investimentos por parte do poder público nos anos anteriores.

Oportuno destacar que essa busca por conhecimento nas centralidades foi essencial para o entendimento dos direitos e o impulsionamento para a abertura do Cultura no Morro (CNM), um local dedicado à formação e informação por meio de palestras, oficinas, assessoria e troca de saberes, tanto no Jardim Pedramar quanto em outros locais, com objetivo de ecoar vozes, evidenciar as pautas periféricas, utilizando das atividades desenvolvidas enquanto pano de fundo para discutir as problemáticas do território. Para o fundador do CNM, um dos motivos que afloraram para as realizações foi a aproximação de espaços culturais, como a Casa da Gravura, e o fato de estar perto de movimentos artísticos, como bandas, das quais fez parte dessa cena no bairro:

Poder ver algumas atividades culturais no centro, isso ampliou a mente e fez querer ter isso próximo da gente. Naturalmente, a gente acaba virando um articulador comunitário, alguma coisa do tipo, talvez. Acho que não tinha nomenclatura, mas tentando criar coisas pra nós mesmos. Acho que o próprio ensaio que a gente fazia com a banda, os ensaios abertos já era uma ideia. Era só molecada, criançada e a gente fazia um som. Já era uma atividade que criava um mecanismo. Eu no caso individualmente, penso numa questão mais que é do social mesmo. Até então não tinha essa visão social. Até que teve um show que a gente quis arrecadar alimento, mas foi um fracasso, mas tinha esse mote. Estava pensando nas pessoas.

Montar a cesta básica e distribuir, para ajudar de alguma forma, tanto na visibilidade, de falar estamos aqui, porque tinha muito essa questão o de bairro, bairrista, as músicas já eram próprias, e eu acho que esses modelos de gestão que não era escola também, por exemplo, a Casa da Gravura é uma, e a Casa da Juventude, que é onde é mesmo hoje (Fundador CNM).

O surgimento se deu devido ao desejo em mudar a realidade vivenciada, acreditando na transformação social por meio da arte e cultura, bem como a necessidade de um espaço físico com estrutura para realização de ensaios de teatro do grupo de Moçambique, envolvendo oficinas, rodas de conversa entre outras atividades culturais e educacionais.

É importante ressaltar que no início a gestão do espaço era de responsabilidade somente dos fundadores, no entanto desde a abertura do local, são realizadas ações, projetos e eventos, com membros voluntários do próprio bairro, compondo nas produções mesmo que pontualmente. Somente a partir de 2017 que se inicia uma nova composição.

Avançando para o contexto atual, o CNM conta com 4 integrantes com responsabilidades enquanto associação, sendo que a própria autora desta pesquisa,

que é assistente social de formação e também produtora cultural, está como presidente (gestão 2024 a 2026).

Outro participante ativo é um dos fundadores, que é comunicólogo de formação, filmmaker, diretor e vice-presidente (gestão 2024 a 2026). Também Q5 que está desde o início das ações em 2009, formado em Meio Ambiente e Recursos Hídricos, e Q6 que iniciou no ano de 2017, formado em Gestão Pública, além desses quatro integrantes a associação conta com o conselho fiscal, sendo todos voluntários pelas obrigações enquanto associação. Dentre as funções, cada integrante atua nas linhas de frente dentro de sua área de atuação.

Q7, que é formada em Rádio e TV, atua enquanto coordenadora de comunicação dos projetos e atividades realizadas, no entanto, não tem obrigações enquanto associação.

O questionário aplicado aos atuais integrantes revela que, além de o Cultura no Morro evidenciar as pessoas do bairro, ele também impulsiona seus integrantes, acreditando no potencial de cada um. Q6, por exemplo, aponta mudanças após fazer parte do Cultura no Morro: “A minha vida mudou em diversos aspectos de forma positiva, a partir dos desafios propostos, a necessidade do desenvolvimento pessoal como profissional da Cultura, como ser humano, na ética e no aprendizado de convivência em grupo”.

Q5, que passava parte de suas férias escolares na infância vivenciando as brincadeiras populares nas ruas com o amigo E2, devido à ausência de equipamentos públicos de lazer, acabava se divertindo de outras formas. Ele aponta que, nos dias atuais, não consegue se entender sem a existência do Cultura no Morro:

Em 2013, por alguns motivos profissionais me afastei na época do coletivo, sem perceber foi o período que mais me afastei de mim mesmo. Hoje faço questão de me colocar e colocar a minha família e toda sua estrutura sobre o pilar, sobre a raiz Cultura no Morro (Questionário 5).

Para Q7, foi seu primeiro projeto enquanto Diretora de Arte e Assistente de Direção no Cria do Vale I. Ela relembra que foi uma experiência transformadora e a fez enxergar o próprio potencial que até então não tinha consciência que tinha:

Entendi que posso ocupar inúmeros lugares e que fazer as coisas em comunidade é algo que me faz crescer como pessoa e realmente transforma vidas. Mudei minha forma de enxergar qualquer projeto profissional, o

processo, o cuidado e a humanização se tornaram muito mais importantes do que qualquer resultado (Questionário 7).

Em resposta à pergunta referente a permanência nas ações, mesmo que voluntárias e sem nenhuma remuneração, Q5 revela que “a motivação vem da troca, da satisfação em fazer o bem, olhar para as pessoas que se utilizam do espaço, os próprios membros e ver os olhos brilhando; esse brilho nos olhos, não tem preço e não há frase que descreve o sentimento que causa”. Já para Q7 “o impacto social na vida dos moradores, sobretudo crianças, e na minha vida pessoal. Isso definitivamente potencializa pessoas a buscarem por seus direitos, a contemplarem a cultura e a terem vidas mais dignas”.

E2 sinaliza que mudou para melhor: “o Pedramar antes de 2005 era visto enquanto um bairro perigoso, ocorreram assaltos e um índice de violência maior”. Associou que com as intensificações das ações, aos poucos foram se transformando, a ocupação das ruas tomadas pelas cores e movimentos culturais, bem como a realização de festas populares, fortaleceu para essa mudança positivamente.

Este nome, Cultura no Morro, se deu a partir das conversas com o objetivo de evidenciar a cultura local. Com o nome definido faltava um logotipo, sendo este desenvolvido pelo fundador E2 em conjunto com seu genitor. O logo era composto com as simbologias de caminho, casa, festejos e um cupinzeiro, este último carrega o maior significado, pensando em organização, uma vez que os conhecidos cientificamente como “murundu”, são grandes montes de barro, geralmente em pastos, que formam uma gigante comunidade de cupim, com sua organização e modo de vida.

**Figura 19** - Evolução do logotipo do Cultura no Morro



Fonte: Registro pessoal, fundador CNM

Desde então, foram realizadas diversas atividades, incluindo oficinas, apresentações teatrais e projetos culturais, além de servir como um ponto de encontro para conversas e trocas. Somente no ano de 2022 que os integrantes se sentiram

seguros para formalização, tendo em vista que anteriormente a gestão do espaço cultural, era realizado somente pelo entrevistado E2 e sua companheira. Com a composição atual, após pesquisas referentes ao formato, chegaram à conclusão de ser uma associação, enfrentando um processo burocrático, mas necessário para o avanço das atividades. A necessidade do CNPJ surge com objetivo de aumentar as possibilidades de buscar incentivos nas esferas estadual e federal. No ano de 2024, por meio do CNPJ o Cultura no Morro recebeu o título de Ponto de Cultura no âmbito Estadual.

Pontos de Cultura, segundo Brasil (2014), trata-se de “grupos, coletivos e entidades de natureza ou finalidade cultural que desenvolvem e articulam atividades em suas comunidades apoiados pelos estados e municípios parceiros por meio dos instrumentos da Política Nacional de Cultura Viva” (Brasil, 2014).

As ações abrangem temas como educação popular, desenvolvimento sustentável, direito à cidade e preservação de culturas tradicionais e emergentes.

No mesmo ano da fundação, com o conhecimento adquirido sobre essas leis, os fundadores elaboraram projetos e foram contemplados pela Lei de Incentivo à Cultura de Jacareí. Um desses projetos foi o “Pedramar Arte e Geração de Renda”, desenvolvido em 2013, que ofereceu oficinas de artesanato ministradas por um artista plástico da cidade de Jacareí. O objetivo do projeto era formar um grupo de artesãos que criassem peças representativas da cidade de Jacareí, além de gerar renda para as famílias. Embora a oficina fosse destinada a um público adulto, adolescentes interessados também puderam participar.

Consoante a este projeto, vale ressaltar que as técnicas ensinadas incluíram modelagem em papel, argila, empapelamento, desenho com pirógrafo e pintura. Para muitos participantes, o projeto proporcionou o primeiro contato com a arte e suas possibilidades. Devido à boa adesão, o projeto foi aprovado novamente no ano seguinte, aprimorando técnicas e introduzindo novos aprendizados. A figura 20, apresenta duas técnicas utilizadas, pirógrafo e modelagem em argila. A proposta do pirógrafo foi retratar os pontos históricos da cidade de Jacareí e a modelagem foi feita em argila, utilizada a partir da escolha dos aprendizes, a realização de figuras e presépios.

**Figura 20 - Projeto Pedramar Arte e Geração de Renda**

Fonte: Acervo Cultura no Morro

Ainda em 2013, uma movimentação nas ruas teve início como forma de arrecadar fundos para manter o funcionamento do espaço cultural. Como forma de dar continuidade aos festejos populares festa junina com a tradicional quadrilha formada por moradores do Jardim Pedramar, esta foi organizada em parceria com outros coletivos e grupos culturais. Além disso, são realizadas apresentações de peças teatrais, shows de músicos e outras atrações. Conforme a figura 21, a tradicional quadrilha é esperada pela população, pois a cada ano ocorre uma encenação teatral, que realiza a abertura da dança, reunindo grande parte dos residentes na grande festa.

**Figura 21 - Tradicional Quadrilha Festa Junina**

Fonte: Acervo Cultura no Morro.

Em 2014, foi aprovado o projeto “Moçambique nas Escolas: Cultura para Todos” pela Lei de Incentivo à Cultura de Jacareí (LIC), realizado pelo Cultura no Morro e incentivado pela CCR NovaDutra em parceria com o mestre de Moçambique Seu Nego, que na época estava com o grupo adormecido, sendo restabelecido a partir do fortalecimento do Cultura no Morro.

Em relação a esse projeto, tinha como proposta promover apresentações do grupo em 14 escolas da rede pública municipal e estadual da cidade, difundindo a manifestação, ressaltando a importância da preservação das manifestações populares, com vistas a garantir que as histórias e as tradições se mantenham vivas, sendo respeitadas e valorizadas.

Na figura 22, estão registrados dois exemplos das 14 escolas visitadas na cidade de Jacareí. Com um formato lúdico, era apresentada a história da manifestação, e, após isso, os estudantes tinham a oportunidade de participar da dança. O projeto foi realizado ao longo de 10 meses, com o grupo permanecendo ativo até meados de 2017. Além do projeto, também eram realizadas apresentações em festas populares e datas comemorativas na cidade de Jacareí. Em 2024, o mestre faleceu, representando uma grande perda para a história do Jardim Pedramar.

**Figura 22 - Projeto “Moçambique Nas Escolas Cultura Para Todos”**



Fonte: Acervo Cultura no Morro

No ano de 2014 ocorreu a retomada dos campeonatos de futebol, os idealizadores responderam ao questionário, sendo identificados enquanto Q1 e Q2 .

Q1, assim se refere em relação a esse campeonato:

O motivo maior para fazer o campeonato foi voltar com o que fazíamos antes, o campeonato era no antigo pasto com traves de bambu, mas paramos pois, estava ficando ruim pois muitos se machucavam, aí quando foi feita a quadra no bairro decidimos voltar com o mesmo, com a ajuda do Cultura no morro, colocamos o nome Uniquebradas.

O termo “quebrada” é um adjetivo popular utilizado pelos próprios moradores para denominar as periferias, o nome Uniquebradas busca materializar e representar a união dessas periferias.

Q2 aponta que o campeonato é independente, diz: “não tínhamos ajuda de órgão público, menos ainda de empresa privada, o campeonato em colaboração apenas dos times e do Cultura do morro”. Q1 acrescenta que “o campeonato só tinha mesmo o valor que cobravam dos times como taxa de inscrição e do apoio do Cultura do Morro e nada a mais”. O campeonato, visando fomentar o futebol amador, que se manteve de forma independente até 2019, sem recursos públicos, utilizava as contribuições dos próprios times para custear premiações e o pagamento do juiz. No ano de 2020, o Cultura no Morro, em conjunto com integrantes do Uniquebradas,

realizaram uma homenagem ao Sr. Benedito Rosa da Silva, conhecido como Dito Bozo (in memoriam), um dos responsáveis por fomentar a cena do futebol na década de 1990, sendo nomeado a quadra do bairro com seu nome.

**Figura 23 - Premiação do time campeão**



Fonte: Arquivo Cultura no Morro.

Referente às questões físicas do local utilizado, diz o fundador do CNM:

A estrutura da quadra no começo não era uma das melhores, não tinha traves, a população que colocou, não tinha iluminação e nem mesmo água e nem cobertura, mais mesmo assim fazíamos. Eram realizados mutirões de pintura da quadra e capina ao redor, deixando o espaço minimamente adequado ao uso.

Destaca-se, ainda, que o espaço físico do Cultura no Morro era cedido para as reuniões de organização com os times, já que era o único espaço com estrutura física disponível desde aquela época.

**Figura 24 - Reunião com os times no Cultura no Morro**



Fonte: Registro pessoal fundador CNM

Nos dias do campeonato, com a falta de estrutura na quadra, os fundadores do CNM disponibilizavam o automóvel, uma Kombi que tinham para ser apoio aos times e ao público, sendo realizado também vendas de lanches e bebidas com intuito de arrecadar fundos para pagamentos das contas fixas do Cultura no Morro.

**Figura 25 - Kombi suporte no campeonato**



Fonte: Arquivo Cultura no Morro

O campeonato era uma forma de reconfigurar as redes entre as periferias da zona Oeste de Jacareí, unindo os bairros Jardim Pedramar, Parque Imperial, Nova Esperança, Didinha, Bandeira Branca, Veraneio Ijal e Nova Jacareí, no entanto desde o ano de 2019 não ocorre o Uniquebradas. Q1 aponta que:

O campeonato foi paralisado por alguns motivos, por conta da pandemia do covid 19 e a estrutura da quadra estava ficando ruim para realizar o campeonato, começou com a falta de tempo dos organizadores e falta de ajuda, aí estava ficando difícil organizar tudo.

Referente as expectativas para o bairro, Q1 assim se refere:

O Pedramar é um bairro muito bom de se morar e tenho grandes expectativas de que isso é só o começo e que no futuro podemos ter mais ajuda para fazer essas ações no bairro, pois hoje já se faz muito e que possa crescer mais e mais. Só tenho a dizer que fizemos grandes coisas no bairro sem praticamente ajuda de ninguém, e se tivéssemos mais ajuda com certeza íamos fazer muito mais, é um bairro bom de se morar, pessoas boas e que ajuda bastante no que precisamos.

A Figura 26 apresenta momentos do campeonato, reunindo as torcidas dos bairros envolvidos.

**Figura 26 - Campeonato Uni Quebradas**



Fonte: Acervo Cultura no Morro

Ainda em 2014, iniciaram-se parcerias com a Secretaria de Assistência Social, por meio do credenciamento e contratação de oficinairos, sendo oferecidas oficinas gratuitas aos moradores. O espaço físico do Cultura no Morro foi cedido para atividades de capoeira e trabalhos manuais.

**Figura 27 - Oficinas de artesanato e Capoeira**



Fonte: Arquivo Cultura no Morro

Nesse mesmo ano, uma pesquisadora de doutorado realizou um estudo sobre o Jardim Pedramar, resultando em um livro denominado “Jardim, Pedra, Mar, um lugar com alma”, que retrata a trajetória do bairro. No dia da defesa da tese na USP, vários moradores entrevistados pela pesquisadora Denise Jorge tiveram a oportunidade de participar desse momento importante.

Desde 2015, por iniciativa do Cultura no Morro, realiza-se o Festival AgromeraArte "A Rua é o Nosso Quintal", o qual ocupa as ruas e espaços de encontro do bairro, com atividades artísticas e culturais que valorizam as raízes e tradições da região, gerando um sentimento de pertencimento entre o bairro e sua cultura emergente. Para o fundador do CNM, “o Agromera traz aquele lance de uma tabela de cores para você olhar. Você não gosta disso, mas pode gostar daquilo. No final das contas, você gosta de tudo porque é um caldeirão. Acontecer na rua é para ser democrático, todo mundo participar”.

Além disso, o festival promove um intercâmbio entre moradores e fazedores de arte, proporcionando uma experiência compartilhada. Durante a pandemia, o festival não ocorreu. A temática "A Rua é o Nosso Quintal" surgiu devido ao tamanho dos terrenos, que medem 125 m<sup>2</sup>, resultando em pouco espaço dentro de cada residência e fazendo das ruas um grande quintal comunitário, evidenciando, sobretudo, a importância de cuidar do território. A temática “A rua é o nosso quintal” pode ser

relacionada ao que Michel de Certeau (1980) denominou como as “invenções do cotidiano”. Nos contextos periféricos, onde os terrenos limitados não comportam quintais, o uso da rua ultrapassa a função de via pública e transforma-se em território afetivo, social e educativo.

A figura 28 mostra momentos dentro do festival de troca de saberes: roda de conversa, atrações musicais de artistas da região, a valorização da residência com o projeto Sustentarte, o mutirão de grafitti, que traz uma nova cara para o bairro.

**Figura 28 - Festival Agromera Arte**



Fonte: Acervo Cultura no Morro

Nesse mesmo ano, uma professora aposentada, realizou o sonho de fundar uma biblioteca comunitária com incentivo e apoio do Cultura no Morro, sendo a abertura oficial no Festival Agromera Arte, com uma grande festa com direito a um Sarau. No início o projeto contava com três prateleiras e um acervo modesto, mas com o propósito de transformar a realidade local. A biblioteca foi inaugurada em 2015 no primeiro dia do AgromeraArte.

**Figura 29 - Abertura da biblioteca**



Fonte: Arquivo LPC.

A fundadora relembra que se aposentou em 2014. Devido a idade, por ter completado 70 anos, não podia mais trabalhar nas escolas de São José dos Campos: “o que vou fazer da minha vida sem trabalhar, eu sempre trabalhei nunca fiquei parada, ai falei assim eu acho que vou montar uma biblioteca, ai falei com o fundador do Cultura no Morro”. Ela conta que no início era uma prateleira e um armário fechado. Com os livros que tinha deu início a LPC:

Porque eu não queria ficar parada, comecei a da leitura para as crianças, fazer brincadeira, com alguns jogos que eu tinha, e depois comecei também uma alfabetização de adultos, comecei todo dia aqui a tarde, agora não estou dando mais, parei já faz algum tempo (Liderança LPC).

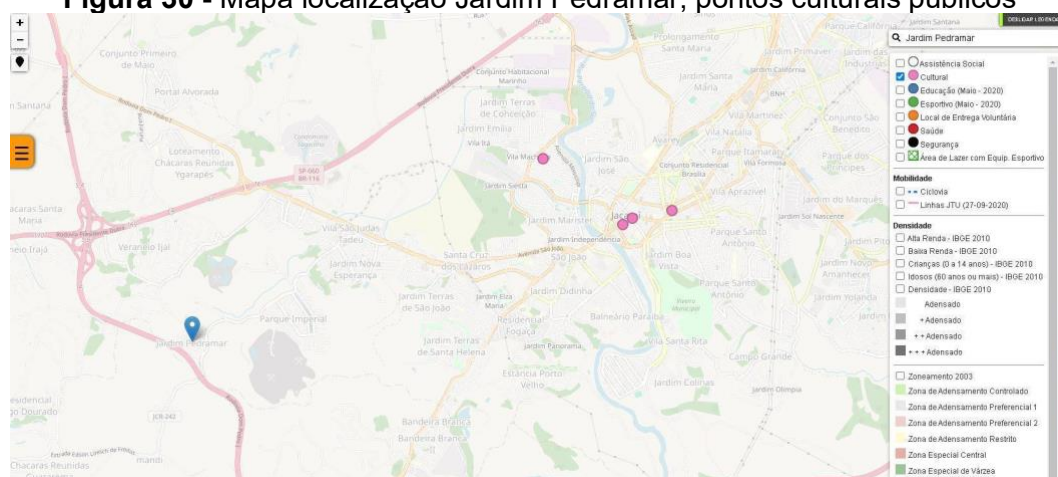
Desde então, em todas as edições do festival Agromera Arte, o Sarau tem sido uma presença garantida, oferecendo muitas brincadeiras e diversão para as crianças e adolescentes.

A fundadora conta ainda que, desde o início, um grupo de adolescentes faz parte da organização do local. Hoje em dia, diz a mesma, “são uns 10 jovens, mas eles também trabalham e estudam, então não têm muito tempo, mas as folgas que eles têm estão aqui ajudando, quando tem projeto, coisas para fazer. Eles gostam

muito da biblioteca”. Desde a fundação, o grupo inicial permanece fazendo parte do processo.

O distanciamento do bairro afeta diretamente o deslocamento das pessoas residentes. O transporte público, com horários reduzidos fora do horário de pico, é um dificultador, principalmente para as pessoas que trabalham na cidade vizinha. A fundadora aponta que os jovens que a LPC influenciou buscaram acesso a universidades e acabaram se mudando devido ao tempo gasto no transporte: “todo mundo quer sair daqui, né, porque eles falam que aqui é muito longe para irem trabalhar”.

**Figura 30 - Mapa localização Jardim Pedramar, pontos culturais públicos**



Fonte: Jacareí, 2022.

Ações como o da LPC que evidencia a importância do conhecimento e leitura, influenciam diretamente a população residente, mostrando que existem outras oportunidades e possibilidades, principalmente na continuidade dos estudos e ingresso em universidades; esse feito é grandioso, sem pretensões por parte da fundadora, que com certeza não imagina essa dimensão:

Eles mesmos falam que a biblioteca influenciou bastante. Uma das meninas, ela já tinha vontade de ser professora, depois que ela veio ajudar aqui, ela falou que desenvolveu mais à vontade de ser professora, ela fala isso em todo lugar sabe, pra nós é importante. Antes não tinha nada e até agora não tem, só tem o Cultura no Morro e a Biblioteca né e o jardim (Fundadora LPC).

Hoje, a Biblioteca LPC conta com um grupo de voluntários, muitos dos quais são graduandos ou já formados, incentivados pelo projeto, outros em processo de finalização, as áreas são: Enfermagem, Psicologia, Nutrição, Letras e Pedagogia.

Continuam fazendo parte enquanto voluntários nos horários de folga, na organização das atividades e funcionamento, bem como realizam as escritas de projetos para participação nos editais.

A biblioteca oferece atividades para crianças, adolescentes e adultos, como saraus, gincanas, oficinas e momentos de diversão, com um acervo de mais de 3 mil exemplares de diversas temáticas. O espaço é pequeno, porém é utilizado para a atividades, são, respectivamente, a rua e a praça Guarani, localizada em frente a biblioteca, conforme podemos ver na figura.

**Figura 31 - Biblioteca Ler Para Crescer**



Fonte: Arquivo Biblioteca Ler Para Crescer

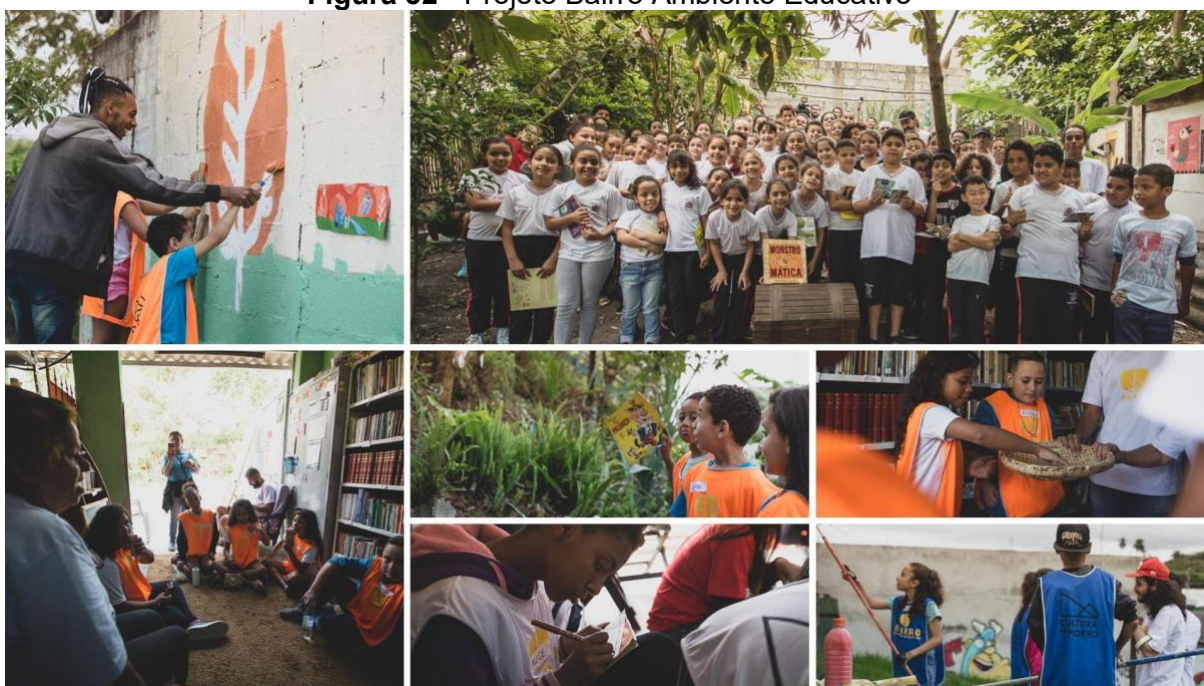
No ano de 2024 por meio do edital municipal a biblioteca LPC foi reconhecida como ponto de Cultura, recebendo um prêmio utilizado para melhoria do espaço físico.

Os fundadores do Cultura no Morro, em 2016, foram convidados a ministrar oficinas nas escolas do município no modelo integral, resultando em uma parceria com a EMEF Conceição Aparecida Magalhães Silva. Essa colaboração culminou na produção de um documentário sobre a história do Jardim Paraíso, bairro onde a escola está localizada.

Em 2017, ocorreram as festas previstas no calendário anual do Cultura no Morro, incluindo a festa junina, o festival Agromera Arte, a festa das crianças e o Natal Solidário.

Em 2018, foi aprovado, por meio da Lei de Incentivo à Cultura, o projeto "Bairro Ambiente Educativo", com o objetivo de proporcionar uma extensão educacional aos estudantes da rede pública municipal de Jacareí, por meio de atividades de arte, cultura popular e conscientização ambiental. Na figura 32 podemos ver registros de dois dos espaços visitados pelos estudantes, com a proposta de apresentar os espaços culturais existentes no bairro.

**Figura 32 - Projeto Bairro Ambiente Educativo**



Fonte: Acervo Cultura no Morro

Em 2019, em parceria com alunas do curso de Moda da Univap, ocorreu um desfile com roupas confeccionadas pelos próprios estudantes. O Cultura no Morro convidou artistas e moradores do Jardim Pedramar para atuarem como modelos. O tema, "Cria da Rua", foi proposto e aceito pelas universitárias, resultando em um evento aberto que permitiu aos residentes contato com a universidade e espaço para apresentações, com a abertura feita por MCs do Jardim Pedramar e Parque Imperial.

Abaixo, na figura 33, estão momentos do ensaio fotográfico realizado com as roupas confeccionadas pelas estudantes do curso de moda da Universidade do Vale do Paraíba (Univap), sendo realizado no bairro do Jardim Pedramar.

**Figura 33** - Ensaio fotográfico Cria da Rua

Fonte: Acervo Cultura no Morro

Nesse mesmo ano, por meio do projeto de formação “Pedramar Território Cultural,” via Fundação Cultural de Jacareí, foram realizadas diversas oficinas no espaço cultural, abordando temas como artesanato, teatro, serigrafia, web rádio e costura criativa. A partir dessas oficinas, consolidaram-se o “Pedra Cast,” o podcast do Cultura no Morro, e o núcleo “Mulheres de Pedramar,” voltado para costura e customização, que realizaram máscaras por meio de um projeto com o Serviço Social de Comércio (SESC) para distribuição em bairros periféricos de Jacareí, entre outras produções.

Desde 2019, um morador do bairro há 18 anos, por meio da resposta ao questionário, aqui denominado Q3, revelou ter realizado treinos de futebol aos domingos com crianças e adolescentes, que passavam a tarde ocupando a quadra. Essa iniciativa surgiu durante a pandemia da Covid-19, quando as aulas foram suspensas, como uma forma de oferecer atividades para as crianças que passavam mais tempo nas ruas.

Sobre essa atividade específica, o residente contava com o apoio de uma empresa para, após os treinos, distribuir um kit de lanche para todos os participantes: “um empresário, sempre que eu precisava, todos domingos enviava para crianças 60 kits de lanches, eram em torno de 60 meninos e meninas todo domingo,” conta o entrevistado. No ano de 2024, foi necessário dar uma pausa nos treinos, devido às questões de trabalho.

O Cultura no Morro também integra o Conselho Gestor do Plano Diretor, com a participação de dois membros como delegados, permitindo sua atuação nas decisões e votações, entendendo que esses espaços convidados são necessários ser ocupados.

Em 2019, a prefeitura de Jacareí iniciou as discussões para a revisão do Plano Diretor, inicialmente sem a participação efetiva da sociedade civil. A inclusão de entidades civis e a promoção da participação popular foram garantidas por meio de uma intervenção da Promotoria de Justiça da cidade. Após inscrições e seleção das entidades e movimentos sociais habilitados, o processo foi suspenso devido à pandemia da Covid-19 em 2020.

Após a pandemia, as discussões foram retomadas em março de 2022, com oficinas de Leituras Comunitárias realizadas entre 15 de março e 2 de abril, mas foram novamente suspensas em novembro de 2022. As discussões sobre a revisão do Plano Diretor foram retomadas em abril de 2024, contando com a participação das seguintes organizações populares como integrantes do Conselho Gestor de Revisão pela sociedade civil organizada: Associação dos Moradores do Jardim Paraíso e Jardim Yolanda; Quilombo Coração Valente; Associação dos Moradores do Parque Califórnia; Associação dos Moradores do Jardim Siesta; Coletivo Cultura no Morro; Sindicato dos Papeleiros de Jacareí; Sindicato dos Engenheiros de Jacareí; Associação das Construtoras do Vale do Paraíba (ACONVAP); Associação dos Mineradores de Jacareí (AMJ); Instituto Federal de São Paulo (IFSP); Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (FATEC) Jacareí; e Associação dos Engenheiros e Arquitetos de Jacareí (AEAJ).

Na figura 34, está o representante do Cultura no Morro, na cerimônia do Plano Diretor para apresentação dos membros representantes da sociedade civil e poder público, após votação da população.

**Figura 34** - Participação da cerimônia de apresentação dos representantes

Fonte: Acervo Cultura no Morro.

Em 2020, devido à pandemia da Covid-19, as atividades e eventos do calendário anual foram suspensos. O Cultura no Morro arrecadou alimentos e os distribuiu para algumas famílias. Nesse mesmo ano, a convite da Secretaria de Educação e em parceria com o Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE), o Cultura no Morro realizou o projeto “Cultura e Arte: Integrando a Comunidade”. As atividades foram realizadas de forma remota devido à pandemia e integraram estudantes do ensino fundamental da EMEF Maria Regina Cachuté, com aulas temáticas sobre meio ambiente, cultura local, cartografia social e artes visuais, ministradas pelos fundadores do Cultura no Morro.

Após as aulas, os alunos criaram desenhos, e o trabalho final escolhido foi pintado na estação de tratamento de esgoto localizada na entrada do bairro Parque Imperial. Na figura 35, está o resultado final da pintura realizada pelos artistas visuais a partir das contribuições dos estudantes, esta estação está localizada na entrada do bairro do Parque Imperial.

**Figura 35** - Projeto Cultura e Arte: Integrando a Comunidade



Fonte: Acervo Cultura no Morro

Em 2021, em conjunto com várias Secretarias Municipais (Esporte, Cultura, Educação e Saúde), o Cultura no Morro realizou a campanha "Pedramar Sem Dengue - Dia D", devido ao alto índice de casos da doença no Jardim Pedramar. A ação, realizada em conjunto com a LPC e a Prefeitura de Jacareí, incluiu atividades recreativas, orientações e a coleta de lixo e entulhos para prevenir a proliferação do mosquito transmissor. A limpeza foi feita nas extremidades das ruas e no córrego do Tanquinho, com a participação direta no recolhimento dos lixos e entulhos dos integrantes do Cultura no Morro. Ao todo, foram recolhidas quase 1 tonelada de materiais, utilizando duas caçambas e um caminhão. Na figura 36, temos uma imagem com a quantidade de lixos e entulhos recolhidos, tendo como consequência a eliminação do perigo de proliferação do mosquito após a pesagem por parte da prefeitura.

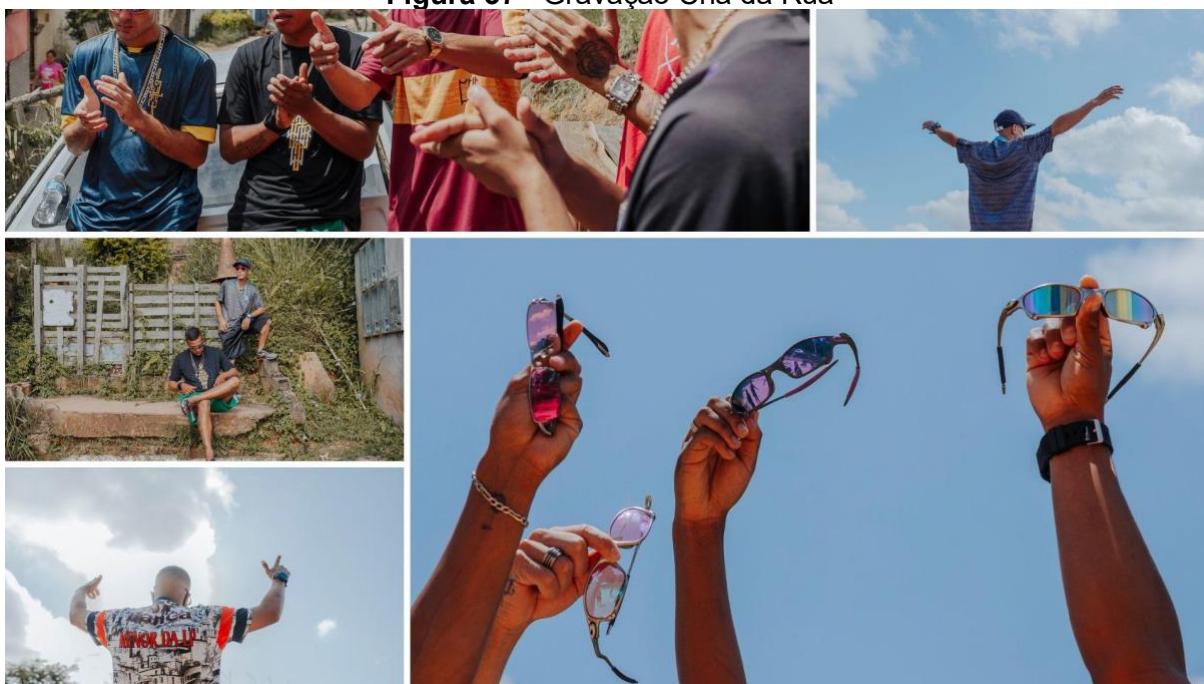
**Figura 36** - Campanha Pedramar sem Dengue



Fonte: Acervo Cultura no Morro

Nesse mesmo ano, o projeto musical "Cypher Cria da Rua" foi aprovado por meio da Lei Aldir Blanc. A gravação ocorreu no bairro Veraneio Ijal, na Zona Oeste da cidade, escolhido por sua história de resistência frente à falta de regularização e infraestrutura, incluindo esgoto despejado de forma irregular próximo às residências, expondo os moradores a riscos de doenças e outras dificuldades. O projeto visou reconhecer a periferia, evidenciar as negligências enfrentadas e valorizar as pessoas que ali vivem. Abaixo, registros do dia da gravação do clipe.

**Figura 37 - Gravação Cria da Rua**



Fonte: Acervo Cultura no Morro

Também em 2021, foi iniciado o projeto "Pedramar Território Cultural", aprovado pela LIC em 2020 e adaptado para o formato *online*. O objetivo era fomentar o calendário anual do Cultura no Morro, dando continuidade aos trabalhos de economia solidária, produção cultural e intercâmbio entre coletivos. Dentro do projeto, foi realizado o festival Agromera Arte, que aconteceu *online* com a temática "A Web Também é o Nosso Quintal". O projeto também incluiu a criação de uma rede de economia solidária no Pedramar, com formações, mapeamento dos comércios locais e inclusão digital dos serviços, visando fortalecer o comércio do bairro.

Em 2022, o Cultura no Morro lançou o selo Cupim Lab, com caráter laboratorial, voltado para a criação musical e audiovisual, expandindo a produção já realizada e abrindo espaço para trocas de experiências entre artistas de Jacareí e da região.

Ainda em 2022, foi realizado o projeto "Cultura no Morro 10 Anos", viabilizado por meio da LIC, com o objetivo de estruturar e fortalecer o trabalho do coletivo. Esse projeto implementou ferramentas e métodos de gestão empresarial aplicados a grupos, como planejamento estratégico, gestão do conhecimento e capacitação dos membros, de acordo com suas áreas de atuação.

Nesse ano, também houve o retorno dos eventos de rua, com uma festa de fim de ano viabilizada por rifas colaborativas, permitindo a contratação de brinquedos e a distribuição de pipoca e picolés para os presentes.

**Figura 38 - Festa de fim de Ano**



Fonte: Acervo Cultura no Morro

Em 2023, a associação organizou uma arrecadação para a festa de 30 anos do bairro, com a produção de um “bolo de porta” feito por uma boleira residente, ocorreram também apresentações de artistas locais e de Jacareí. Neste mesmo ano, novos episódios do Pedra Cast foram gravados em formato de vídeo como parte do projeto "Cultura no Morro 10 Anos".

A Fundação Cultural de Jacareí, por meio do Edital de Oficinas, por meio da parceria direta enviouicineiros de capoeira, bordado e violão, abrangendo um público diverso de crianças, adultos e idosos, sendo o espaço cedido para esses profissionais, sem custo algum para a população.

**Figura 39 - Aniversário Pedramar**

Fonte: Acervo Cultura no Morro

O espaço Cultura no Morro se consolidou como um centro de difusão de informações gratuitas para a população, promovendo valores e trocas de experiências, e valorizando a identidade periférica. Essa atuação se torna especialmente relevante diante da falta de equipamentos e políticas públicas efetivas, tornando-se uma referência para as novas gerações.

Em 2023, o Cultura no Morro foi premiado com o troféu Periferia Brasil, na categoria Desenvolvimento Local, na sua 19ª edição realizada em São Paulo, reconhecendo as ações realizadas.

**Figura 40 - Prêmio Periferia Brasil**



Fonte: Arquivo Cultura no Morro.

Em 2024, por meio de um Projeto de Lei aprovado pela Câmara Municipal de Jacareí, a associação recebeu o Título de Utilidade Pública, um importante passo que contribuirá para o alcance de novas possibilidades de captação de recursos em outras esferas.

Neste mesmo ano, por meio do Selo Cupim Lab, foi gravado o clipe Cria do Vale II, “O ancestral é logo ali”, com artistas do Vale do Paraíba Paulista, com composições que retratam a cena musical, esta produção foi possível por meio de projeto via Fundo Municipal de Cultura de Jacareí.

A Associação conta com dois reconhecimentos enquanto Pontos de Cultura, no âmbito Municipal e Estadual.

Fechando o ano de 2024, ocorreu o Evento Cupim Sassion, reunindo gastronomia, música, poesia musicada com a Batalha dos Trilhos, dança com o grupo Ritmos da Cidade e os artistas musicais que realizaram a participação no clipe Cria do Vale II.

No decorrer do ano de 2024, em parceria com a Fundação Cultural de Jacareí, ocorreu as oficinas de capoeira e violão. Essas oficinas são realizadas semanalmente e conta com um público assíduo em torno de 50 participantes, crianças, adolescentes e adultos.

**Figura 41 - Oficinas Capoeira e Violão.**

Fonte: Acervo Cultura no Morro

As festas, na maioria das vezes, eram com recursos próprios, realizando a arte da sevirologia, como dizia o mestre Soró, um grande líder comunitário do bairro de Perus. A “sevirologia” é a arte de se virar com o que tem (Moreira; Veloso, 2019). No entanto, com as movimentações culturais, a população passou a compreender a importância de ocupar espaços de decisão. Quando os fundadores perceberam a necessidade de reivindicar e garantir seus direitos, iniciaram a participação em espaços de representação, como os conselhos municipais. "Ocupar os espaços oficiais de tomada de decisões, como conselhos municipais, ou ainda, construir espaços de legitimidade ao propor políticas e leis populares são processos construtivos" dessa sobrevivência, defendem Silva e Maciel (2021, p. 211).

**Figura 42 - Orçamento Participativo**

Fonte: Arquivo Cultura no Morro

No que diz respeito à participação popular o E2 aponta que, antigamente existia a política de ouvir as demandas dos residentes dos bairros da cidade, sendo divididos por região, denominado Orçamento Participativo.

Tinha as reuniões setoriais de bairro eu acho que ficava mais perto da população, porque também era muito vinculada, uma prática que todos os bairros praticamente tinha, depois foi acabando, porque estava virando gancho para vereador e tal e a galera não estava acreditando em mais nada, então nessa época tinha mais participação e a gente foi um dos responsáveis por começar a falar que era importante participar disso, né de orçamento participativo coisas menores, é pra conseguir ter um espaço de cultura e lazer dentro da comunidade que só por meio dessas ferramentas que a gente ia começar a tensionar, e daí é isso, a gente chegou até uma estância de eleger, delegados de setoriais da região e tudo mais (Entrevistado 2).

Ressalta-se, com a pesquisa por meio das atividades desenvolvidas ao longo da concepção do bairro, que os investimentos foram a partir da organização e escrita de projetos no início de 2013, no entanto, não garante com efetividade a permanência e continuidade das ações, uma vez que existem critérios para serem aprovados, bem como necessidade de organização com as documentações exigidas.

É perceptível que os recursos foram destinados aos atores representantes das articulações comunitárias a partir do tensionamento, evidenciando as potencialidades do local.

Observa-se a necessidade de uma organização mais efetiva quanto ao engajamento e compreensão das reivindicações por parte do bairro como um todo.

Nas atividades realizadas após a pandemia, a participação popular diminuiu, tanto nas ações da LPC quanto nas oficinas oferecidas pelo Cultura no Morro. Para Silva e Oliveira (2017, p. 51):

[...] a constituição de aspectos de solidariedade e participação e organização social e política surgem de processos de escassez que, num primeiro momento, são evidenciados pela ineficiência de políticas públicas como moradia, saúde, educação etc.

A participação popular nos espaços de discussão e formulação de políticas públicas é de extrema importância, pois pode contribuir nas decisões que impactam diretamente o desenvolvimento local.

Entende-se que, nas periferias, muitos não conseguem participar efetivamente devido à descrença nas questões políticas, ou até mesmo devido aos afazeres diários. No entanto, é urgente uma mobilização para reeducar todos sobre seus papéis na construção de políticas públicas efetivas, visando a garantia de direitos mínimos nos territórios esquecidos.

### **3 PEDRAMAR EM MOVIMENTO: CONSTRUINDO TERRITORIALIDADES PERIFÉRICAS**

A proposta da presente pesquisa é refletir sobre as práticas de protagonismo das lideranças do bairro Jardim Pedramar como territorialidade periférica, capaz de tensionar e apontar alternativas à produção social do espaço da cidade de Jacareí. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com lideranças locais, adotando um método que permite capturar diferentes pontos de vista e experiências sobre a mobilização e suas transformações ao longo do tempo.

A estrutura analítica desta seção foi organizada a partir dos seguintes eixos: Histórico e Ocupação; Território e Territorialidade, Produção de Outras Lógicas no Jardim Pedramar; Comunicação enquanto Ferramenta de Potencialização; Produzindo Espaço e Criando Territorialidades: Infrapolítica e Resistências no Pedramar; Desafios na Manutenção das Ações e a Dimensão Sociopolítica.

A partir dessas categorias, busca-se compreender como a produção social do espaço ocorre no Pedramar e de que maneira seus moradores criam novas lógicas de ocupação diante da ausência do Estado.

#### **3.1 Histórico e Ocupação**

As dificuldades e desafios enfrentados, frente às desigualdades, se transformaram no pano de fundo para as ações e proposições. O levantamento do processo histórico realizado aponta para a desigualdade sócio-territorial da cidade de Jacareí. A partir das falas dos residentes, foi perceptível que ainda precisam haver avanços significativos para a adequação da infraestrutura, no entanto, esses desafios não privam a população de realizar, por meio de iniciativas dos próprios moradores, a transformação do bairro por meio da arte, cultura e educação.

O termo resistência do cotidiano, utilizado por Scott (1992), pode ser relacionado nas experiências do Jardim Pedramar, tendo em vista que, desde a concepção do bairro, a população tem que se mobilizar para garantir o que é seu por direito. O autor utiliza esse termo, o qual se configura por uma série de aspectos de resistência, que se enquadra em ações do cotidiano, pelo fato de serem levadas a efeito pelos próprios agentes que se encontram em condição de opressão ou estado de abandono. Ele ressalta a questão das práticas comuns entre camadas

subordinadas, destacando que, não obstante marginalizadas, buscam táticas eficientes para minar o efeito perverso do opressor. O que o autor busca, através da utilização desse termo, é levar a resistência a um novo patamar de entendimento, deixando de ser apenas as ações de grupos ou movimentos organizados para ser também um modelo de reação de grupos oprimidos, desde que sejam conscientizados da condição desfavorável em que vivem.

O carnê da instalação da água guardado pela moradora é fruto dessa resistência cotidiana, uma lembrança da conquista que transformou o território, sendo fruto de suas reivindicações em conjunto com a população na época.

O esgoto das residências é depositado no córrego do Tanquinho, tendo somente o afastamento das casas por meio de manilhas, mas sem estrutura adequada para fazer a elevação do esgoto até a Estação de Tratamento de Esgoto (ETE), localizada no bairro vizinho Parque Imperial. Até a data desta pesquisa, o problema permanece sem solução.

Em resposta ao questionário, um residente que foi membro da Associação de Amigos de Bairro do Jardim Pedramar conta que: “Desafios tivemos muitos, quando nós viemos para cá, não tinha iluminação na rua, não tinha água, não tinha ônibus direito para vir para cá. O circular era de manhã, às 6 h, e na parte da tarde, o último ônibus era às 18 h.”

Para a entrevistada E5, “água e luz, não tinha nada, fui a última a receber a luz aqui. Os únicos que moravam nessa rua éramos nós.” Ela também conta que, nos tempos de chuva, o transporte não conseguia subir devido à lama, sendo necessário que os residentes fossem até o bairro vizinho para ter acesso ao transporte.

Segundo o Entrevistado E2 “o bairro sem planejamento nenhum, agora para planejar teria que movimentar muita coisa e eu acho que eles não estão dispostos a isso, porque o bairro é pequeno”. O mesmo aponta que seria necessária adequação das calçadas com as devidas normas, bem como uma atenção ao esgoto que devido à proximidade com os fundos de algumas residências, tem perigo de deslizamento.

E3 aponta que as expectativas de melhoria no bairro andam meio em baixa, “tem muita promessa, por exemplo fazer o esgoto, fazer uma parte, mas isso faz anos que estão prometendo né, vieram mediram e não sei o que, até hoje, está difícil. Não tenho expectativa não”.

Já a fundadora da LPC ressalta a falta de organização, que considera um elemento que deve ser pensado ao refletir sobre o problema do esgoto:

No geral a gente está querendo a organização do esgoto sabe, porque o esgoto aqui não é regularizado, então a gente está querendo que a prefeitura faça algo aqui no bairro nesse sentido, que até agora não fez nada. O bairro não é organizado, alguém tem que encabeçar isso, aqui não tem sociedade amigos de bairro (Fundadora LPC).

Santos (2011) reflete essa questão, como se a população periférica estivesse fadada a viver em condições mínimas, sem infraestrutura adequada. Ele afirma:

Como morar na periferia é, na maioria das cidades brasileiras, o destino dos pobres, eles estão condenados a não dispor de serviços sociais ou a utilizá-los precariamente, ainda que pagando por eles preços extorsivos. É o mesmo que se dá com os transportes. Caros e ruins (Santos, 2007, p. 195).

A concepção do Pedramar ocorreu em meio as desigualdades e ausências. Por meio da pesquisa, ficou evidente que no início ocorreram mobilizações de uma parcela significativa da população em busca de melhorias, no entanto, nos dias atuais esse tensionamento, embora ainda ocorra, se apresenta mais tímido. Na visão da pesquisadora, pode relacionar-se essa baixa às necessidades individuais, as quais no contexto atual se sobrepõem às coletivas, e isto ocorre por conta da conjuntura econômica que assola grande parte dos moradores locais, fazendo com que o bem comum de todas e todos seja relegado a segundo plano.

Silva e Oliveira (2017) apontam que estas significações periféricas, vinculadas a uma territorialidade, são maneiras de comunicar e criar uma nova cultura, um novo modo de se enxergar.

### **3.2 Território e territorialidade, produção de outras lógicas no Jardim Pedramar**

No decorrer dos anos o Jardim Pedramar foi se transformando a partir das necessidades, entretanto construindo outras lógicas por meio da arte, cultura, educação, de forma natural que contraria a ordem hegemônica. As ações e proposições que ocuparam o território no decorrer de sua concepção e foram se moldando e adequando às novas gerações, são alternativas frente ao distanciamento do bairro das regiões centrais, nas quais estão localizados os equipamentos públicos culturais. Destaca-se que o território é localizado no limite entre o Rural e o Urbano:

A configuração do capital acarreta mudanças estruturais do modo de produção e, conseqüentemente, revela uma nova relação dos movimentos sociais com os poderes constituídos. Surgem, assim, outros graus de resistência pautados por uma outra lógica fortalecida por novos arranjos políticos e sociais (Silva; Oliveira, 2017, p. 48).

Escobar (2016) sinaliza que as ações e proposições, com seu papel de mobilizar, se destacam nos bairros ausentes do poder público, principalmente no que diz respeito às comemorações. Essas festas populares, realizadas de forma colaborativa pelos próprios residentes, acontecem em meio a questões envolvendo a escassez e são ampliadas ao longo dos anos pela própria população. "Cada comunidade pratica o desenho de si mesma: suas organizações, suas relações sociais, suas práticas cotidianas, suas formas de conhecimento, suas relações com o meio ambiente, etc." (Escobar, 2016, p. 210).

A partir desse sentimento de pertencimento, que foi se afluando ao longo dos anos, a partir do reconhecimento de suas raízes e do entendimento de seu valor, mesmo que simbólico, busca-se a marcação desse território por meio de placas, como a da Figura 39, "Bem-vindo ao Pedramar", realizada pela técnica de entalhe em madeira, pelo artista José Bedeu, residente do bairro (que veio a falecer em 2022). Anteriormente, não existia a sinalização das vias públicas.

Para um dos integrantes do Cultura no Morro, "o Pedramar, a depender do ponto de vista, pode ser apenas mais um bairro, com características semelhantes a vários em nosso país, periférico, não planejado, deixado de lado pelo poder público, mas quando você "entra" e se permite fazer parte do território, se entende a potência de um lugar mágico, místico, cheio da mais pura magia chamada simplicidade (Questionário 5).

**Figura 43** – Placa Instalada na rotatória do Jardim Pedramar



Fonte: Arquivo: Cultura no Morro

O espaço passa a ser ressignificado, enquanto campo educativo de trocas e vivências, causando um sentimento de pertencimento a partir do olhar das potencialidades e valorização daquele território. Para o Fundador do CNM:

Eu acho que meio que daquela coisa da narrativa que não existia então quem somos, não somos? E não fazia questão nenhuma de falar que era também do Pedramar, eu acho que primeiro, volta o pertencimento, a gente começa a pertencer a algo né, então isso é isso, a gente começa a desenhar uma coisa e esses equipamentos e tecnologias sociais que se criam no território, faz ele tem uma importância, tanto a biblioteca, quanto o Cultura e a Praça também

A fundadora da LPC, refere-se a Praça Guarani enquanto “museu a céu aberto”, aponta uma ressignificação do espaço, por meio das experiências e interações sociais. Essa apropriação do espaço vai além do uso, trata-se de uma territorialidade simbólica e educativa, onde as crianças não apenas circulam, mas interagem e constroem sentidos.

O jardim que foi criado aqui na frente, pra mim ele desenvolve bastante as crianças, sabe porque? As crianças vão lá e elas ficam falando daquelas gravuras que tem, tem umas crianças que tem até medo das bonecas que ele põe, é engraçado até. Um museu a céu aberto, tem que ser preservado.

Para Haesbaert (2004, p. 2), o “território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação”.

A apropriação dos espaços de forma orgânica em busca de mudanças significativas, devido a inclusão perversa, tornou-se uma territorialidade que passa a ser compreendida enquanto potência, um local que preserva os vínculos comunitários e repensa novas práticas de cunho cultural, educacional e até político para o uso e ocupação do território periférico. Para o autor (*Ibidem*):

A territorialidade, além de incorporar uma dimensão estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está “intimamente ligada o modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar.

Importante trazer a composição ambiental deste território, tendo nele um resquício de mata atlântica considerável e duas nascentes que dão forma ao córrego

do Tanquinho. Este patrimônio ambiental, chegou a ser citado no documentário “Jardim, Pedra, Merealma, mundo Pedramar” (Cultura no Morro, 2020), como área de preservação destinada a comunidade do Jardim Pedramar, contendo imagens de arquivo do ano de 1993, do vereador Itamar Alves.

Este trecho ressalta o valor deste patrimônio ambiental, mas também denuncia a falta de um planejamento urbano, com parte das residências tendo seu esgoto sem destino correto, poluindo o Córrego do Tanquinho.

Diante do descaso feito com esse patrimônio, o Cultura no Morro começou trazer a parte ambiental para o centro das discussões, promovendo rodas de conversa e pesquisas junto a faculdades, como uma forma de demarcar aquele valioso resquício de mata atlântica que resta no bairro. Para o fundador do CNM uma estratégia de preservação é a criação de um espaço público de qualidade:

Em questões físicas e estruturais, seria que a gente conseguisse ter essa área da nascente acoplado ao bairro, que preservasse a nascente do Tanquinho, mas com vários equipamentos que poderia ter, academia ao ar livre, trilhas de caminhada, pontos de educação ambiental, com quiosques e tal, ter um equipamento voltado para isso também, para além do Viveiro Seo Moura que é um equipamento nesse tom assim muito antigo, mas que é central. Nessa pegada atrelada a natureza e que virasse um ponto de referência para os bairros desta região, que pudesse vim escolas, ter estudos e tudo mais, com isso o bairro ganharia muito, em preservação, em saúde porque teria que canalizar esse esgoto, fazer do modo correto e aqui ser um espaço que começa a virar projetos que respinga tanto no Pedramar como nos outros bairros entendeu (Entrevistado E2).

Essas práticas manifestam-se na necessidade de ocupar os territórios, bem como formas de transformação do local, desempenhando um papel essencial no reconhecimento, pertencimento e construção da identidade.

O conceito de diseño, apresentado pelo antropólogo colombiano Arturo Escobar (2016), traz o sentido de reflexão sobre as dinâmicas tradicionais, repensando as propostas para a utilização do território, levando em consideração os saberes de cada sujeito ou grupo, para uma nova construção coletiva, respeitando as realidades e particularidades. Repensando o espaço vazio, neste sentido a Praça Guarani, se tornou referência enquanto espaço de convivência para o bairro.

Saquet (2009) traz à tona essa questão ao se referir ao fato de que:

A territorialidade corresponde às relações sociais e às atividades diárias que os homens têm com sua natureza exterior. É o resultado do processo de produção de cada território, sendo fundamental para a construção da identidade e para a reorganização da vida quotidiana (Saquet, 2009, p. 8).

Este contexto reflexivo, o qual o autor aponta, ocorre na maioria das ações propostas, um incentivo por meio da pedagogia do exemplo, sendo um espaço ressignificado, conforme aponta um dos integrantes do Cultura no Morro:

A transformação da praça Pedra da Sereia, um terreno de área verde, largado e abandonado no final de uma das ruas do bairro, onde o Cultura no Morro visualizou um mural de graffiti e iniciou um movimento de limpeza, com pouco recurso. No outro dia os moradores da rua, que inicialmente não se juntaram ao grupo que estava ali tentando modificar, se unem e fazem uma linda revolução criando um espaço limpo, com playground, indo muito além de uma praça, mas transcendendo para os espectros de mobilização e transformação, de dentro para fora (Questionário 5).

A partir da iniciativa dos integrantes, este local, por ser um final de rua e próximo da nascente do Córrego do Tanquinho, era utilizado para descarte irregular de lixos, sendo levado pelas águas das chuvas, poluindo o mesmo. Este espaço é bem próximo às residências, e atualmente é um local que as crianças utilizam para brincar, preservando e cuidando.

### **3.3 Comunicação enquanto ferramenta de potencialização**

A utilização da comunicação como ferramenta de potencialização do bairro marca um período de "propaganda" do lugar, mostrando suas raízes e o pertencimento à cultura, para a cidade de Jacareí. Contudo, essa comunicação é feita com um filtro social, sem deixar passar as mazelas da sociedade. Em tom de denúncia, o Cultura no Morro traz a ideia de difusão da informação, como, por exemplo, o acesso aos editais públicos observados na seção 2.

Quando pensamos em comunicação nos dias de hoje, logo vêm à mente as redes sociais e a tecnologia, mas aqui é possível identificar princípios da comunicação ancestral na ação dos grupos organizados. A oralidade está presente, assim como o saber popular e as trocas presenciais, sendo as redes sociais online meras ferramentas. Para o externo, este bairro nos apresenta a ideia de que "só quem é de lá sabe o que acontece", referenciando a música "Expresso da Meia-Noite" dos Racionais MCs, que retrata a visão de um bairro periférico paulista, criando um conhecimento sobre aquele território, os caminhos bons e ruins, sombra e luz, e ainda as questões sociais.

O fundador do Cultura no Morro, uma das lideranças, é uma pessoa chave nesse movimento, pois se profissionalizou em comunicação social, ampliando a voz do bairro e criando, junto ao Cultura no Morro, produções que ajudam a contar a história do lugar. Ele evidencia as culturas existentes e cria narrativas de valorização do território. Um dos entrevistados faz referência a essa questão:

Lembro de quando registramos pela primeira vez o córrego do Tanquinho, fui eu e uns amigos, éramos bem jovens, uns 16 anos, conseguimos uma câmera e fizemos um registro fotográfico que depois transformamos em um filme de conscientização ambiental. Perdemos ele com o tempo, não tínhamos acesso a internet na época. Isso já mostrava nossa vontade e intenção de se comunicar e denunciar, mas com o passar dos anos, com mais conhecimento e estrutura, foi possível registrar de uma forma que chegue em mais pessoas (Fundador do CNM).

**Figura 44** - Registro o córrego do Tanquinho



Fonte: Registro pessoal residente

Os registros realizados evidenciam os problemas pelo bairro, servem como denúncia frente ao descaso com a falta de manutenção nos dois únicos equipamentos públicos. Estes registros cumprem com a função de documentar a história do bairro, além de fortalecer na divulgação das ações. O entrevistado diz ainda: “Lembro também da criação do teaser do Uniquebradas, foi cinema. Divulgamos o

campeonato, denunciando a falta de estrutura da quadra, mas evidenciando a nossa raça para lutar por nossos direitos”.

A figura 45 apresenta imagens que fazem parte do vídeo Uniquebradas/2018 (Teaser) (2022), disponível no *Youtube*.

**Figura 45** - Gravação teaser Uniquebradas



Fonte: Arquivo Cultura no Morro

Para a gravação, o fundador do CNM contou com o apoio dos próprios times e diretoria do campeonato para a atuação e apoio na produção. Nessa época a quadra não tinha iluminação, dificultando todo o processo de gravação e utilização do espaço. No dia a dia para a utilização da quadra no período noturno, eram adaptados refletores que um residente emprestava para a iluminação, ocorrendo este processo sempre que fosse utilizado.

A comunicação, desde o início do Cultura no Morro se faz presente. Para as divulgações das atividades eram realizados lambe, que é uma forma de comunicação mais popular, sendo utilizado até os dias atuais, colocados em pontos estratégicos do bairro, bem como colados em um mural de avisos realizado pelo fundador do CNM, deixado em um dos comércios. O Fundador do CNM lembra outras formas de comunicação, que em sua visão, eram mais eficazes.

Hoje nós temos o grupo de WhatsApp com uma média de duzentas pessoas, a gente tenta concentrar no grupo, pensando que todos estão ali, mas nem sempre ele acessa todo mundo, nas antigas a gente divulgava via cartaz de sulfite nos postes e comércios, eu acho que era mais efetivo para o pessoal interno, eu acho que ainda gostam desse formato mais tradicional e é visual também, placas, banner faixas, era mais eficaz, mas isso a gente já não faz um bom tempo e externo, ainda é também boca a boca, mais rede social (Fundador do CNM).

A prática comunicacional desenvolvida pelo Cultura no Morro pode ser compreendida a partir do conceito de Educomunicação, que, segundo Ismar de Oliveira Soares (2000), diz respeito à interface entre comunicação e educação com vistas à ampliação das vozes, da autonomia e do protagonismo dos sujeitos envolvidos no processo comunicativo, para divulgar ações e mobilizar o território. Esses meios se configuram como práticas educomunicativas na medida em que não apenas informam, mas criam espaços de escuta, visibilidade e articulação comunitária, estabelecendo uma comunicação que parte da realidade local e se adapta às linguagens do território.

Ao destacar que os métodos tradicionais, como cartazes nos postes e murais nos comércios, eram mais eficazes para o público interno, o fundador do Cultura no Morro sinaliza uma dimensão importante da educomunicação: a adequação das linguagens e canais de comunicação ao contexto e às preferências culturais da comunidade. Mesmo com a entrada de ferramentas digitais, como o grupo de WhatsApp, observa-se que a comunicação direta, visual e territorializada continua sendo valorizada, revelando a necessidade de combinar estratégias analógicas e digitais para alcançar maior efetividade comunicacional. A permanência do "boca a boca" e a adoção de redes sociais demonstram um movimento de atualização, sem perder a conexão com as formas tradicionais, que carregam consigo afetos, memória coletiva e pertencimento.

Assim, o Cultura no Morro se constitui como um espaço educomunicativo que tensiona a lógica hegemônica da comunicação de massa, propondo formas alternativas e populares de produzir, circular e ressignificar a informação. A apropriação dos meios tecnológicos, realizada pelo Cultura no Morro, evidencia-se como um fortalecimento das identidades e reivindicações.

Enquanto ferramenta de expansão de ideias, desde o ano de 2018, ocorre a edição do *Pedracast*, o podcast do Cultura no Morro, criado por meio de uma oficina. Este meio dá conta de discutir assuntos da atualidade, envolvendo temáticas que

atravessam o dia a dia do bairro, com convidados especialistas em cada área, interagindo com integrantes do programa.

O olhar contemporâneo que o Cultura no Morro tem para as práticas emergentes foi traduzido em obras audiovisuais, podendo ser visualizadas as produções de videoclipe, com artistas locais e da região, no seguimento de música urbana. Dentre as produções, destaca-se o projeto *Cria do Vale*, que ocorreu em duas edições, com abordagens que retratam a questão social, ancestral, territorial e a violência nas periferias. Ambas foram realizadas por meio de edital. Em 2022, se afirma o selo *Cupim Lab*, um laboratório criativo, destinado às produções musicais e audiovisuais da associação, sendo responsáveis pelo setor criativo do selo parte dos integrantes do Cultura no Morro com formações em produção musical, direção de artes e mídias, e direção de filmes.

O processo de comunicação do Cultura no Morro aparentemente contribui para a afirmação das realizações que acontecem neste território, registrando seus passos e criando novas histórias e enredos a partir de um novo olhar, mas com total respeito ao histórico passado.

Em termos geográficos, a periferia não será definida pela distância física entre um pólo e as zonas tributárias, mas antes em termos de acessibilidade. Esta depende essencialmente da existência de vias de transporte e da possibilidade efetiva de sua utilização pelos indivíduos, com o objetivo de satisfazer necessidades reais ou sentidas como tais. Mas a incapacidade de acesso a bens e serviços é, em si mesma, um dado suficiente para repelir o indivíduo e também, afirma, a uma situação periférica (Santos, 1979, p. 290).

Ao propor novas alternativas para a ocupação e uso do território por meio de espaços culturais, eles tensionam a segregação urbana. Cabe ressaltar que tais proposições não estão dissociadas das reivindicações e cobranças por políticas públicas do Estado, mas representam uma forma de evidenciar as potencialidades locais e ocupar os vazios existentes nesses espaços.

### **3.4 Produzindo espaço e criando territorialidades: infrapolítica e resistências no Pedramar**

Muitas das ações e proposições que temos apresentado na presente pesquisa têm tensionado em busca da transformação e produção social deste espaço. A

infrapolítica, apontada por Scott (1992), relaciona-se com os espaços criados sem pretensão de ser ou de tornar-se resistência, sendo realizada de forma natural e orgânica no território do Pedramar, a exemplo da Praça Guarani, que desempenha a função social de uma praça, tendo em vista que não existem equipamentos públicos de lazer.

O Cultura no Morro e a criação da Biblioteca Comunitária são alternativas que ocupam a ausência desses espaços nesse formato, nas periferias, demonstrando o poder local. As micro-resistências que foram se formando ao longo dos anos colocam o bairro como centro de suas ações e modificam o pensamento dos residentes, conforme aponta o fundador:

E não fazia questão nenhuma de falar que era também do Pedramar, eu acho que primeiro volta o pertencimento, a gente começa a pertencer a algo, começa a desenhar uma coisa, e esses equipamentos e tecnologias sociais que se criam no território, faz ele ter uma importância, tanto a biblioteca, quanto o Cultura no Morro e a Praça Guarani também, eu acho que a praça Guarani ela tem ainda um pouco mais forte, um espaço totalmente público (mas não na conotação do público do poder público) tem a cara do morador, de acesso mega livre, de toque livre, de você ter uma liberdade com aquele lugar, que museu não tem, você sente medo, então é um espaço importante e daí a mudança eu vejo que dessa autoestima, desse reconhecimento primeiro, que gera várias coisas. O segundo eu acho nesta questão geral sobre, lixo e cuidado do bairro, parece que as pessoas começaram a cuidar um pouquinho mais, não é 100% ainda, mas se você analisar, eu acho que foi em 2018 depois do bairro Ambiente educativo eu acho, eu comecei a perceber que a rua estava mais limpa, menos coisas jogada, não é uma rua que você vê um entulho por exemplo, e é uma periferia, que poderia ser, amanhecer e ter um entulho lá e ninguém falar de quem é, não tem, se vê uma coisa ou outra no fim de rua ainda assim é meio organizado, não é uma coisa totalmente solta, eu acho que isso (Fundador CNM, 2024).

Neste mesmo sentido de pertencimento, a fundadora da LPC também apresenta um discurso a partir de sua visão. Diz ela:

Eu percebi, desde que começamos, tanto Cultura quanto aqui, é um pouco de pertença ao bairro sabe, eu acho que as pessoas agora estão mais interessadas, eu fico observando a capoeira, as mães, todo mundo interessado, traz bolos, pipoca, na hora de distribuir para as crianças sabe, um ajuda o outro, muito interessante isso é um sentimento de pertencimento, isso aqui é nosso então vamos fazer. Acho que tem outras mudanças físicas, mas a que eu percebi é aqui do Sr. Aluizio, o jardim, aqui era um lixão sabe, mato aquele grandão que nem o boi come, e era só lixo, ai ele foi limpando tudo, e foi organizando o jardim, plantando tudo (Fundadora LPC, 2024).

No Festival Agromera Arte, dentre as atividades ocorrem pequenas reformas nas residências, as frentes das casas também são transformadas com pintura ou uma

arte. Após o início desta prática, um dos fundadores do Cultura no Morro percebeu um sentimento de pertencimento por parte dos moradores; tendo havido um movimento que as residências como um todo, passaram a ser mais bem cuidadas, com a pintura das fachadas. Mesmo as casas que não tinham portão, eram cercadas com bambu, mas eram mantidas pintadas. Os cuidados e valorização do espaço foram sendo fortalecidos, e no decorrer dos anos serviram no Jardim Pedramar como impulsionamento para realização das atividades, transformando em um lugar que é palco de projetos culturais e educacionais, com intuito de vivenciar o território e visitas aos espaços culturais que foram criados pela mobilização local.

Silva e Oliveira apontam que:

Tais movimentos ressignificam a cultura e o território como lugares de contrapontos e têm a comunicação como um elemento central de organização. Trata-se da reinvenção de formas de apropriação do espaço urbano que partem das experiências dos excluídos e carregam uma outra lógica social, política, econômica e simbólica (Silva; Oliveira, 2017, p. 44).

Este espaço marcado pelas ressignificações e transformações fortalecem a valorização local. Para Sposito (2014, p. 11) a territorialidade “designa a qualidade que o território ganha de acordo com sua utilização ou apreensão pelo ser humano”. Não faltava criatividade nas crianças para a diversão ser garantida.

O fundador do CNM lembra como foi sua infância nas ruas do Pedramar:

...talvez né a minha geração que viveu a infância aqui consegue até assimilar muito mais coisas subjetivas, porque vivenciou o território, eu lembro da balança, a gente não sentia falta de equipamento público, isso que é muito estranho, a rua era um grande parque de diversão, a gente tinha brincadeiras diversas, o dia inteiro, de bolinha de gude, onde se saía de casa tinha alguém jogando trianguinho, aqui, outro não sei o que lá, lá embaixo pulando cela, futebol em uns tres lugar na rua, então se via, não tinha carro, não passava muito carro, era muita oferta e era legal isso, pipa né aí por diante, pular corda eu lembro que as brincadeiras não tinha esse lance esse aqui é de menina esse aqui é de menino também, então talvez por a gente ter uma proximidade mais sensorial com território, nos fez também nos preocupar um pouco mais e lógico né, olhando ali, o que foi feito a partir dos moradores antigos, da Associação amigos de bairro, por mais que a gente não era tão perto a gente via essa movimentação que eram pessoas que estavam querendo alguma coisa para o bairro, a gente não sabia muito o que era aquilo. (Fundador CNM).

A Praça Guarani, sendo um exemplo de cuidado com o espaço e a terra, representa esta transformação com o território. E3 todos os dias está presente realizando a manutenção do mesmo, na entrevista ele destaca:

Eu acho muito importante esse cuidado, você já pensou se isso aqui fosse só mato? Ia virar aquele pedaço de terreno, só braquiária né. Foi rápido quando decidi fazer aqui, já vinha observando. Era um barro danado, aí fui plantando essas graminhas, foi melhorando (Entrevistado).

Os espaços como a Biblioteca LPC e o Cultura no Morro são utilizados enquanto ferramentas de transformação social que contribuem no processo educativo, apontando caminhos para novas perspectivas e possibilidades, possibilitando romper com a realidade imposta e avançar em busca de novas oportunidades.

Nesse sentido, os jovens que foram atravessados por essas atividades se despertaram para um corpo presente no mundo, entendendo seu lugar de contribuição e transformação em sociedade. Para o fundador do CNM as atividades realizadas são estímulos para busca de conhecimentos:

E eu acho que também a gente começou a estimular que outros e outras estudassem e buscassem informações para todas as áreas, tanto das artes que a florou, mas acho que todas as áreas, eu creio, lógico que a gente é o impulsionador, mas com as políticas públicas que apareceram também, as escolas estão mais informadas do que antes, as informações chegam mais, viramos referência enquanto pessoas desse lugar por estar aqui muito tempo, crescemos nos dois formatos, tanto fisicamente quanto mentalmente, isso vira um impulsionador para os outros (Fundador CNM).

Como reflete o entrevistado tais ações e proposições são um impulsionador para as mudanças no local, são estímulos para a romper com a lógica imposta das periferias. O bairro não só tensiona, mas constrói de forma coletiva novas lógicas, rompendo com a invisibilidade.

### **3.5 Desafios na manutenção das ações e a dimensão sociopolítica**

Este tópico evidencia as dificuldades que as lideranças enfrentam para manterem as ações e proposições em funcionamento, bem como as mesmas criam estratégias sociopolíticas. Vejamos, sob tal perspectiva, o que diz um entrevistado:

Já teve vários tipos de estratégias, as primeiras estratégias foram pedido de doação livre, por exemplo se fosse campanha de roupa, era roupa, se fosse campanha de brinquedo era brinquedo, depois conseguimos realizar os bingos/rifas e também ainda não é o grande mas as camisetas do Cultura no Morro para venda que tem a questão do pertencimento também. Eu acho que a gente viu que é possível as leis de incentivo como forma de continuação e realização daquele trabalho realizado. Não é certo também tem que escrever e depois aprovar, é uma das possibilidades dos projetos, para atuar dentro de uma área artística, algo que movimenta o bairro, e tal, cria uma autonomia. E o mais recente é esse formato de evento alinhado à gastronomia, na linha de comidas típicas que a gente costuma fazer e vender para tentar a sustentabilidade do espaço (Fundador CNM).

As ações e proposições pesquisadas, se mantêm por meio de doações e quando aprovadas por meio de projetos culturais, sendo um desafio constante as questões financeiras para manter ativos os espaços como o CNM e a LPC, que necessita da estrutura física, como pagamento das contas fixas mensais. A fundadora da LPC, uma entrevistada, assim se refere a essa questão:

Enquanto ponto de Cultura, vamos fazer mais coisas aqui para as crianças, porque agente doa o lanche as vezes, mas é nos mesmos que fazemos, quando não tem dinheirinho do projeto é do nosso bolso mesmo. As mães ajudam também. Seria legal um recurso para isso, para quando tiver um evento grande seria legal (Fundadora LPC, 2024).

Para além de espaços de trocas de saberes e encontros, ocorreu também a realização de debates políticos apartidários próximos das eleições, como forma de discutir as necessidades e formas de cobrança para o poder público, algo que demanda conhecimento e o despertar da consciência política. Um dos maiores desafios para a organização entre os residentes conforme a fala na entrevista do E2, se apresenta na fragilidade da construção coletiva.

O primeiro desafio é a gente ter espaços de debate com nós mesmos, eu acho que a gente ainda não tem esse lugar, um lugar físico às vezes, mas também nem tempo, as pessoas não estão dispostas, acho que a pandemia fez muito isso também, mas as pessoas não estão muito preocupadas, está cada um pra sua urgência, normal também, mas eu acho que um caminho é o diálogo, reuniões periódicas assembleias, conversas. O segundo a autonomia financeira desses espaços que é o Cultura no Morro e a Biblioteca, a gente precisa de uma autonomia financeira grande para todos estes que estão trabalhando, trabalhe para isso e consiga efetivamente falar o que tem que ser dito, a gente ainda não consegue, a gente faz o básico do básico, a gente sabe a dimensão, sabe o poder, sabe o que deveria ser feito, mas a gente não consegue, não temos uma autonomia financeira, tira daqui cobre alí, um projetinho curto (Fundador do CNM).

Para a E1, os maiores obstáculos são o conhecimento, segundo a entrevistada, ocorre uma dificuldade da população em entender a questão política, não a partidária, mas percebe que as pessoas não possuem conhecimento a respeito de seus direitos.

No que se refere a continuidade das atividades futuras, o fundador do CNM aponta que:

Tem aquela frase só não me lembro quem falou, mas que raízes rasas elas não se sustentam, as plantas caem, e raízes profundas se sustentam. Então todo esse período, que a gente está realizando atividades que é mais de 10 anos, já vinha com esse histórico do bairro não tem como negar, se não é agente, serão outras pessoas, outros equipamentos sociais, outras tecnologias sociais vão surgir, alguma coisa vai acontecer, porque não é possível ser impulsionado tanto assim e nada acontecer, essas crianças que estão lendo na biblioteca, elas estão se munindo de informação, elas vão ficar bem gigantes. A gente é movido por isso, por uma gratidão de alguma coisa, eu só consegui isso por conta daquilo, é uma Biblioteca, um Cultura no Morro que proporciona, eu acho que isso é o que desperta no outro a gente não tem controle e só é coisa boa (Fundador do CNM).

As ações por meio do protagonismo de algumas lideranças, desenvolvidas no Jardim Pedramar, como as realizadas pela Associação Cultura no Morro, Biblioteca Comunitária Ler para Crescer e Praça Guarani, enfrentam uma série de desafios para sua continuidade e fortalecimento. Tais dificuldades dizem respeito não apenas à escassez de recursos materiais e financeiros, mas também às limitações impostas pela ausência ou precariedade de políticas públicas que reconheçam e apoiem de maneira efetiva as iniciativas.

Nesse cenário, as lideranças assumem um papel central, mobilizando saberes, redes de apoio e parcerias para garantir a existência dessas ações no território. A manutenção dessas iniciativas exigem constantes esforços para superar barreiras, como a burocratização dos acessos a editais públicos, a instabilidade dos apoios institucionais e a invisibilidade das demandas específicas das periferias.

Contudo, frente a essas adversidades, emergem estratégias sociopolíticas construídas de forma coletiva e enraizadas na vivência territorial. As lideranças criam redes de solidariedade, ampliam conexões com outras iniciativas e se articulam politicamente para reivindicar direitos e reconhecimento. Essas ações demonstram que, embora marcadas por desafios, as proposições desenvolvidas nos territórios periféricos não se limitam à resistência, mas constituem práticas de afirmação política.

A dimensão sociopolítica se revela, portanto, na forma como as comunidades constroem autonomia, promovem inclusão e reivindicam a cidade como um direito, ressignificando os espaços e transformando o cotidiano.

A partir das entrevistas, por meio dos relatos, fica demonstrado e evidente o abandono por parte do planejamento urbano, decorrente de um loteamento sem a entrega de infraestrutura adequada. As ações e proposições realizadas por atores moradores do bairro, que estão ativos no território, evidencia-se uma potência, na mobilização por trocas de conhecimentos e construção de identidade, transformando o território. Tais ações tensionam a ordem vigente e produzem outras lógicas, evidenciando o poder popular em se movimentar e buscar alternativas como forma de ocupar os espaços vazios do bairro.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo compreender como as ações e proposições desenvolvidas no Jardim Pedramar tensionam a produção do espaço urbano e oferecem alternativas à desigualdade sócioterritorial imposta pela ausência do Estado. A partir da mobilização comunitária e da construção de territorialidades periféricas, os moradores do bairro promovem a transformação do território, reinventando suas formas de ocupação e enfrentamento das dinâmicas excludentes. A análise das entrevistas evidenciou que a atuação do Cultura no Morro tem um papel fundamental nesse processo. Além de impulsionar iniciativas socioculturais e fomentar a apropriação do espaço público, a organização se tornou um eixo articulador que fortalece outras ações locais. Sua atuação demonstra que, diante da falta de infraestrutura e do descaso do poder público, às populações periféricas constroem formas autônomas de organização, materializando o conceito de resistência cotidiana, conforme apontado por Scott (1992), bem como o de autonomia do desenho, conforme pensado por Arturo Escobar (2016), que está relacionado à capacidade das comunidades de desenhar suas próprias existências e modos de vida, criando infraestruturas e organizações sociais baseadas em seus próprios conhecimentos e necessidades, e não a partir de modelos impostos pelo Estado ou pelo mercado.

Contudo, essa experiência não é um caso isolado. Os processos analisados no Pedramar refletem uma dinâmica presente em diversas periferias brasileiras, onde a ausência de políticas públicas efetivas impulsiona a organização popular como estratégia de sobrevivência e resistência. Essas micro-resistências, ao ocuparem espaços vazios negligenciados pelo poder público, geram novas territorialidades, como ressaltado na literatura (Haesbaert, 2004; Silva; Oliveira, 2017), que rompem com a visão hegemônica das periferias como espaços da carência e reafirmam seu potencial enquanto territórios de invenção e transformação.

Ao longo da pesquisa, ficou evidente que as ações no Jardim Pedramar emergiram "de baixo para cima", como respostas diretas às necessidades da população, sem vínculos institucionais ou interesses políticos formais. As iniciativas, baseadas na arte, na cultura e na educação popular, não apenas ocupam lacunas

urbanas e sociais, mas também formulam alternativas socioculturais que contestam a lógica da inclusão perversa e da precarização. Essa autonomia, no entanto, não deve isentar o Estado de sua responsabilidade, uma vez que a luta por políticas públicas estruturantes continua sendo essencial para garantir condições dignas de vida aos moradores.

Dessa forma, a pesquisa reforça a necessidade de reconhecer e valorizar as potencialidades das periferias, não apenas como espaços de resistência, mas também como territórios criadores de novas formas de sociabilidade e produção do espaço urbano. Repensar políticas públicas que incluam efetivamente essas populações nos processos de decisão é essencial para o fortalecimento dessas iniciativas e para a ampliação das possibilidades de organização e autonomia comunitária.

Por fim, longe de sugerir que as lideranças comunitárias devam ocupar o papel do Estado, este estudo aponta que as ações no Jardim Pedramar demonstram a urgência de políticas que dialoguem com as práticas e saberes locais. O fortalecimento de redes entre os moradores, coletivos culturais e instituições pode ampliar as possibilidades de atuação e garantir maior alcance das iniciativas. Dessa maneira, o reconhecimento da potência desses territórios periféricos deve caminhar lado a lado com a criação de políticas que consolidam a produção do espaço urbano de forma mais justa e democrática.

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: 12 set. 2024.
- BRASIL. Lei n.º 13.018, de 22 de julho de 2014. Institui a Política Nacional de Cultura Viva e dá outras providências. **Diário oficial da União**, Brasília, 2014.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. Cultura política e política cultural. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 9, n. 23, p. 71-84, abr. 1995. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141995000100006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141995000100006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 16 set. 2024.
- CULTURA NA MORRO. **Jardim Pedra Marealma**: Mundo Pedramar. 2020. 1 vídeo (15 min). Publicado pelo canal Cultura do Morro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JdQLFB6N7s0>. Acesso em: 21 dez. 2024.
- CUNHA, Ana Paula. **Moradia Social e indicadores ambientais**: uma proposta para Jacareí/SP. 2003. 180 f. Dissertação (Mestrado) –Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos**: cultura e política na periferia de São Paulo. São Paulo: Annablume, 2013.
- DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em revista**, n. 24, p. 213-225, 2004.
- ESCOBAR, Arturo. **Autonomía y diseño**: la realización de lo comunal. Buenos Aires: Tinta Limón, 2016.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. 2004. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2024.
- HARVEY, David. **Cidades rebeldes**: do direito a cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Demográfico 2010**: distribuição da população por regiões censitárias de Jacareí (SP). Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Demográfico**. 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html>. Acesso em: 18 dez. 2024.

JACAREÍ. Lei n.º 2.874, de 20 de dezembro de 1990. Dispõe sobre uso e ocupação do solo no município de Jacareí (SP). Art. 5.º, III. **Diário Oficial do Município de Jacareí**, Jacareí, 20 dez. 1990.

JACAREÍ. Prefeitura. **GeoJacareí**: dados geográficos municipais. Plataforma interativa de consulta a zoneamento, hierarquia viária e unidades de planejamento. Jacareí, 2024a. Disponível em: <https://geosegovplan.jacarei.sp.gov.br/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

JACAREÍ. Arquivo Público e Histórico de Jacareí. **Estrada de Ferro Central do Brasil**. 2024b. Disponível em: <https://atom.culturajacarei.sp.gov.br/index.php/estrada-de-ferro-central-do-brasil-2>. Acesso em: 23 dez. 2024.

JACAREÍ. **Caderno de leitura Crítica**: síntese diagnóstica - leitura técnica e comunitária. Jacareí: Prefeitura, 2022. Disponível em: <https://www.jacarei.sp.gov.br/wp-content/uploads/2022/07/CADERNO-DE-LEITURA-CR%C3%8DTICA-DA-CIDADE.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2024.

JORGE, Denise Batista Pereira. **Jardim Pedra Mar**: um lugar com alma. São Paulo: Todas as Musas, 2021.

KOWARICK, Lúcio. **Trabalho e vadiagem**: a origem do trabalho livre no Brasil. São Paulo: Editora 34, 1994.

LIMA, Carlos Bezerra de. **Dicas para elaborar seu projeto de pesquisa científica**. PB: Temas em saúde, 2019.

LIMONAD, Ester. Urbanização dispersa: mais uma forma de expressão urbana? **Revista Formação**, n.14, v. 1, p. 31-45, 2021.

MAPA, **Jacareí Espaços Públicos**. Disponível em: <https://geosegovplan.jacarei.sp.gov.br/geojacarei/mapas2022/index.html>. Acesso em: 18 Dez. 2024.

MARICATO, Ermínia. **Metrópole na periferia do capitalismo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

MARICATO, Ermínia. **Para Entender a Crise Urbana**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MARICATO, Ermínia. Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras. *In: São Paulo em Perspectiva* [online], v. 14, n. 4, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392000000400004>. Acesso em: 30 ago. 2024.

MARTINS, José de Souza. O falso problema da exclusão e o problema social da inclusão marginal. *In: Exclução social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997.

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo**: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MOREIRA, Jéssica; VELOSO, Lucas. "Um novo mundo é possível", morre Soró, líder da Comunidade Quilombaque de Perus. **Agência Mural**, 2019. Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/um-novo-mundo-e-possivel-morre-soro-lider-da-comunidade-quilombaque-de-perus/>. Acesso em: 20 dez. 2024.

MULLER, Nice Lecocq. **O Fato Urbano na Bacia do Rio Paraíba**. Rio de Janeiro: IBGE, 1969.

PANORAMA. **Populacional de Jacareí**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/jacarei/panorama> Acesso em: 18 dez. de 2024.

RACIONAIS MC'S. **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RETAMIRO, William; DINIZ, Jade Gama. Reflexos econômicos na cadeia produtiva da cultura: uma análise replicável para outros municípios a partir dos resultados do projeto Cultura e Economia para Jacareí. **Revista Boletim do Observatório da Diversidade Cultural**, Belo Horizonte, v. 100, n. 2, 2023. Disponível em: <https://observatoriodadiversidade.org.br/boletins/>. Acesso em: 18 dez. 2024.

RICCI, Fábio. **Indústrias têxteis na periferia**: origens e o desenvolvimento – o caso do Vale do Paraíba. Taubaté: Cabral, 2006

ROLDÃO, Claudia Ciapino. **Plano diretor e legislação urbanística integrada como instrumento de planejamento territorial**: o caso do município de Jacareí-SP. 2023. Disponível em: <https://repositorio.univap.br/handle/123456789/335>. Acesso em: 12 dez. 2024.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido** - os dois circuitos da economia urbana nos países desenvolvidos. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1979.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2009.

SANTOS, Milton. **O espaço do Cidadão**. 7. ed. São Paulo: EDUSP, 2007.

SÃO PAULO. Estado. Lei n. 17, de 3 de abril de 1849. **Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo**, São Paulo, 1849. Disponível em:

<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1849/lei-17-03.04.1849.html>. Acesso em: 21 dez. 2024.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções sobre o território**. São Paulo: Expresso Popular, 2009.

SCOTT, James C. **A Dominação e a Arte da Resistência**. Lisboa: Livraria Letra Livre, 1992.

SEADE. **Perfil dos Municípios Paulistas**. 2019. Disponível em: <https://perfil.seade.gov.br/>. Acesso em: 23 dez. 2024.

SILVA, Fabiana Felix do Amaral; OLIVEIRA, Dennis de. A potência política dos territórios periféricos na metrópole de São Paulo. **Polissemia**, v. 24, p. 41-56, 2017.

SILVA, Fabiana Felix do Amaral; MACIEL, Lidiane Maria. “Decolonizando” o planejamento urbano a experiência dos conflitos urbanos nas cidades latino-americanas. *In*: **Planejamento territorial**, volume 1: reflexões críticas e perspectivas. São Paulo: Max Limonad, 2021. p. 185–219.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2000.

SPOSITO, Maria Pilar. Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.19, n.56, p. 365-383, jul./set. 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttex&pid=S1413-24782014000300002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S1413-24782014000300002&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 6 out. 2024.

TELLES, Vera da Silva. **Pobreza e cidadania**. São Paulo: Editora 34, 2001.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-Ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIQUEBRADAS/2018.(Teaser). [s.l.: s.n.], 2022. 1 vídeo (53 seg). Publicado pelo canal Pedraaudiovisual. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LdPPHUQcxDk>. Acesso em: 11 dez. 2024.

VIEIRA, E.T. *et al.* **O impacto da industrialização no processo de urbanização de Jacareí, SP. Interações**, Campo Grande, v. 24, n. 3, p. 925-942, jul./set. 2003.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço interurbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001.

WACQUANT, Loïc. **As prisões da miséria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

**ANEXO A - QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTAS PESQUISA INTITULADA:  
“CULTURA, TERRITÓRIO E AUTONOMIA: A URBANIZAÇÃO PERIFÉRICA E A  
POTÊNCIA COMUNITÁRIA NO JARDIM PEDRAMAR- JACAREÍ - SP”**

Este questionário enquadra-se numa investigação no âmbito de uma dissertação de mestrado em Planeamento Urbano e Regional, realizada na UNIVAP - Universidade do Vale do Paraíba. Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins académicos, sendo realçado que as respostas dos entrevistados representam apenas a sua opinião individual, sendo a pesquisadora responsável: Fernanda Cordeiro de Araújo.

Nome do participante: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_  
Telef. e/ou e-mail de contato: \_\_\_\_\_ CÓDIGO: \_\_\_\_\_

|  |   |
|--|---|
| 1- Apresentação livre: quem é você e desde quando é residente no Pedramar?   | 10- Quais são os principais desafios que a comunidade enfrenta ao tentar se organizar?                                    |
| 2- O que motivou o início da atuação por meio das atividades de ações e proposições, cultural, social ou esportivas? | 11- Como esses desafios têm sido superados, se é que foram?   |
| 3- Quais tipos de atividades sócio culturais são realizadas no bairro do Pedramar?                                   | 12- Quais mudanças físicas você percebeu no ambiente devido à organização popular?  |
| 4- Como você descreveria a participação comunitária nessas atividades sócio culturais?                               | 13- Como você acha que a organização popular influenciou a qualidade de vida na do Pedramar? Quais exemplos de melhorias? |
| 5- De que maneiras as atividades artísticas influenciam a vida cotidiana dos moradores?                              | 14- Você sente que a organização popular teve algum impacto nas políticas urbanas da região?                              |
| 6- Você percebe alguma mudança no bairro desde o início das atividades socioculturais? Se sim, quais?                | 15- Quais são os maiores obstáculos que o bairro enfrenta para organização e realização de suas atividades?               |
| 7- Quem são os principais organizadores dessas atividades culturais?   | 16- Que tipos de recursos adicionais seriam necessários para fortalecer as iniciativas da organização popular?            |
| 8- Como as atividades socioculturais são divulgadas dentro e fora da comunidade?                                     | 17- Como você vê o futuro da comunidade do Pedramar em termos de desenvolvimento urbano?                                  |